

SIMPÓSIO/ 6 - 8 Abril. 2017
MUSEUS, INVESTIGAÇÃO & EDUCAÇÃO
FÓRUM MUNICIPAL ROMEU CORREIA, ALMADA, PORTUGAL

SYMPOSIUM/ April 6th - 8th. 2017
MUSEUMS, RESEARCH & EDUCATION
THE MUNICIPAL FORUM ROMEU CORREIA, ALMADA, PORTUGAL



SIMPÓSIO/ 6 a 8 Abril. 2017
MUSEUS, INVESTIGAÇÃO & EDUCAÇÃO
FÓRUM MUNICIPAL ROMEU CORREIA
ALMADA, PORTUGAL

Organização:



Apoios:



Informações: simpom.maeds.amrs.pt | maeds@amrs.pt | cea.maeds@amrs.pt | 265239365

Quinta-feira | 6 de Abril | Fórum Municipal Romeu Correia (Almada)

09:00 Recepção dos participantes

AUDITÓRIO

09:30 **Sessão de abertura** || Participação da Comissão Organizadora, Presidente da AMRS e Presidente da Câmara Municipal de Almada.

10:00 *Conferência inaugural* || **Museologia e transferência de competências. O projecto "Inovação Expográfica" em contexto educativo.** || Prof. Doutor Mário Moutinho (Universidade Lusófona de Lisboa)

10:40 **PAUSA PARA CAFÉ**

Sessão de comunicações "Património e Museologia"

Coordenação de Mário Antas (ICOM-CECA Europa)

11:00 **Velhos espaços, novos projectos para o Museu de Porto de Mós** || Fernanda de Sousa, Luísa Machado e Marina Vala (Câmara Municipal de Porto de Mós)

11:15 **VIrVER A RUA uma atitude museológica** || Raquel Ventura

11:30 **PATRIMÓNIOS. Um projecto do Museu Municipal de Palmela** || Teresa Sampaio e Michelle Teixeira Santos (Museu Municipal de Palmela)

11:45 **Arqueologia(s) e prática(s) museais projectos de Arqueologia e Museologia na Câmara Municipal de Setúbal** || Maria João Cândido (Museu de Setúbal-Convento de Jesus/ Câmara Municipal de Setúbal/ CEIED-ULL)

12:00 **Para "sentipensar" o património cultural numa perspectiva matrística: a teoria autopoietica como fundamento epistemológico da Museologia.** || Juliana Maria de Siqueira (Museu da Imagem e do Som, Campinas, Brasil/ Universidade Lusófona de Lisboa)

12:15 **Tapetes de pedra em Conímbriga: uma re-pavimentação virtual** || Natércia Soares (Professora aposentada)

12:30 **Património, Educação, Inovação e Novas Tecnologias** || Mário Nuno Antas (Museu Nacional de Arqueologia) e Miguel Ferreira Feio (Externato Frei Luís de Sousa, Instituto Piaget de Almada)

12:45 **DEBATE**

13:00 **ALMOÇO LIVRE**

SALA PABLO NERUDA

15:00 *Conferência* || **O Museu como educador. A didática do objecto.** || Joan Santacana (Universidade de Barcelona)

Sessão de Comunicações "Museus e Coleções"

Coordenação de António Carvalho (Museu Nacional de Arqueologia)

16:00 **Modos de Ser, Modos de Conservar: o Contributo da Conservação e Restauro para a Comunicação do Património Museológico** || Maria José Coelho (FBAUL/ CIEBA)

16:15 **É urgente preservar o espólio do Museu Nacional Ferroviário.** || António Pires (Associação Portuguesa do Património Industrial)

16:30 **Jardim Botânico da Casa da Cerca: um projeto de arte e ciência.** || Sónia Francisco (Casa da Cerca/ Câmara Municipal de Almada)

16:45 **Museus ou Arquivos de Memória.** || Paulo Castanheira (CLEPUL/ UL)

17:00 **Museus – espaços interactivos** || Maria Orquídea Borges-Bispo (Instituto Politécnico de Coimbra)

17:15 **DEBATE**

18:00 - 20:00 **VISITA AOS MUSEUS DE ALMADA**

Sexta-feira | 7 de Abril | Fórum Municipal Romeu Correia (Almada)

SALA PABLO NERUDA

Sessão de comunicações "Experiências educativas em espaço museológico"

Coordenação de Luís Pequito (Câmara Municipal de Almada)

09:30	Educação e Formação de Públicos em Museus – novas visitas temáticas Maria da Luz Nolasco Cardoso (Serviços Educativos do Museu de Aveiro/ Santa Joana)
09:45	Experiências educativas com grupos escolares na Rede Municipal dos Museus de Almada Guilhermina Silva e João Valente (Divisão de Museus e História Local-Câmara Municipal de Almada)
10:00	Museu de Angra do Heroísmo, um Museu para a comunidade Ana Lúcia Almeida (Museu de Angra do Heroísmo)
10:15	Museus, um espaço para a educação não formal - a experiência do grupo Faz 15-25 Joana Hortas
10:30	Museu Municipal de Palmela. Serviço Educativo – experiências e vivências. Sandra Silva (Serviço Educativo – Museu Municipal de Palmela)
10:45	Um Museu para o Futuro Sandra Santos (Agrupamento de Escolas José Saramago) e Andreia Dias (Serviço Educativo Fundação Calouste Gulbenkian)
11:00	Música e Museus: Relação perfeita ou casamento de conveniência? Isabel Monteiro (Academia de Música de Santa Cecília)
11:15	PAUSA PARA CAFÉ

Sessão de Comunicações "Museus: da investigação à educação"

Coordenação de Joaquina Soares (CEA-MAEDS/ AMRS)

11:30	A Exposição "Allosaurus: um dinossáurio, dois continentes?" – divulgar o método científico para promover literacia Liliana Póvoas (MNHNC/UL), César Lopes (MNHNC/UL), Pedro Dantas (MNHNC/ UL/ MCCB), Elisabete Malafaia (MNHNC/ UL/ Departamento de Geologia, Instituto Dom Luiz, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa), Bruno Ribeiro (MNHNC/ UL), Joana Reis (MNHNC/ UL), F.J.A.S. Barriga (MNHNC/ UL/ Departamento de Geologia, Instituto Dom Luiz, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa) e A.M. Galopim de Carvalho (MNHNC/ UL/ Departamento de Geologia, Instituto Dom Luiz, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa)
11:45	Reflexões sobre museus municipais: estudos de caso em Macedo de Cavaleiros Carlos Mendes (Associação Terras Quentes) e Elsa Luís (Associação Terras Quentes/ Uniarq)
12:00	Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto: um novo olhar sobre as coleções e as suas oportunidades científicas e educativas. Simão Mateus (MHNC-UP/ML/DCTP-FLUP), Pedro Almeida (MHNC-UP), Francisco Álvares (MHNC-UP, CIBIO/InBIO), Maria João Fonseca (MHNC-UP, CIBIO/InBIO), Rita Gaspar (MHNC-UP, CIBIO/InBIO, Universidade de Compostela), Helena Gonçalves (MHNC-UP, CIBIO/InBIO), José Manuel Grosso-Silva (MHNC-UP, CIBIO/InBIO), Ricardo Jorge Lopes (MHNC-UP, CIBIO/InBIO), Andreia Magalhães (MHNC-UP, IHA-FCSH-UNL), Elsa Oliveira (MHNC-UP), Joana Tinoco (Jardim Botânico do Porto/ MHNC-UP) e Cristiana Vieira (MHNC-UP, CIBIO/InBIO)
12:15	Museologia arqueológica participativa e comunicação educativa em Museus de Arqueologia: Educação Patrimonial e Património Arqueológico. Mário Nuno Antas (Museu Nacional de Arqueologia)
12:30	O Projecto de investigação " Preexistências de Setúbal " e a afirmação do MAEDS na cidade. Carlos Tavares da Silva, Antónia Coelho-Soares, Joaquina Soares e Susana Duarte (AMRS/ CEA-MAEDS)
12:45	Castro de Chibanes: Investigação, educação e patrimonialização. Joaquina Soares, Carlos Tavares da Silva, Susana Duarte e Teresa Rita Pereira (AMRS/ CEA-MAEDS)
13:00	DEBATE
13:15	ALMOÇO LIVRE
15:00 às 20:00	VISITA À PENÍNSULA DA ARRÁBIDA Museu da Música Mecânica e Museu Marítimo de Sesimbra

Sábado | 8 de Abril | Fórum Municipal Romeu Correia (Almada)

SALA PABLO NERUDA

Sessão de comunicações "Museus: espaços de cidadania"

Coordenação de João Neto (APOM)

09:30	Os Museus e a Promoção da Cidadania António Nabais (APOM)
09:45	O Museu Local e a Comunidade: interação e partilha de poder. Reflexões em torno de uma experiência. Florbela Estêvão (Universidade do Porto/ DCTP) e Eugénia Correia
10:00	Museus inclusivos: deficiência, acessibilidades e transformação social Patrícia Martins (CITCEM / Faculdade de Letras da Universidade do Porto)
10:15	Pensar a identidade: do museu à escola como experiência do tangível Ricardo Guerreiro Campos (Escola Superior de Educação de Lisboa)
10:30	Os Museus como espaços de sociabilidade: práticas do Museu de Mértola Lígia Rafael (Câmara Municipal de Mértola) e Maria de Fátima Palma (Campo Arqueológico de Mértola)
10:45	Cidade educadora: O que é e qual a sua relação com o museu Cristina Carvalho (PUC-Rio/ GEPEMCI) e Clarisse Cancela (UNIRIO/PUC-Rio/ Bolseira Capes)
11:00	Dias do Pão: um projecto de educação global para a cidadania a partir do património local. Ana Isabel Braga, Ângela Ribeiro e Elisabete Gonçalves (Centro de Arqueologia de Almada)
11:15	PAUSA PARA CAFÉ
11:30	<i>Conferência de encerramento</i> Developing applied research and its teaching to obtain the best exhibitions contents. Colette Dufresne-Tassé (Universidade de Montréal)
12:15	SESSÃO DE POSTERS
12:35	Sessão de encerramento Participação da Câmara Municipal de Almada e da Comissão Organizadora do Simpósio.
13:15	ALMOÇO LIVRE
15:30	VISITA PÓS-CONGRESSO - MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA <i>Conferência</i> Dois museografias para a Arqueologia. Joan Santacana (Universidade de Barcelona)
16:30	Peça de Teatro "Portugal em miúdos", baseado no livro de José Jorge Letria

CADERNO DE RESUMOS

SIMPÓSIO/ 6 a 8 Abril. 2017

MUSEUS, INVESTIGAÇÃO & EDUCAÇÃO

FÓRUM MUNICIPAL ROMEU CORREIA

ALMADA, PORTUGAL

COMUNICAÇÕES



6. Abril | 10:00 – 10:40

Conferência inaugural

Museologia e transferência de competências.

O projeto “Inovação Expográfica” em contexto educativo.

Mário Moutinho*

O Laboratório Experimental de Museologia & Educação (LEME) que atua no âmbito do Departamento de Museologia da ULHT, tem por objetivo implementar um novo entendimento do lugar dos recursos expográficos em diferentes contextos educativos.

Considerando que na perspetiva da Sociomuseologia a função expositiva da museologia e das ações museológicas se centra na primazia do conceito de processo educativo /formativo, o LEME atua no campo da inovação expográfica participada, entendida essencialmente como recurso educativo/processual. Ou seja, a "exposição" é considerada em primeiro lugar como um processo e, em segundo lugar, como um produto.

A utilização de exposições é uma prática corrente nos estabelecimentos de ensino em Portugal (pré-escolar, básico e secundário), inserindo-se geralmente no desenvolvimento da atividade lectiva, no quadro de diferentes disciplinas, como expressão de atividades escolares e de extensão e, também como ação dos próprios museus e núcleos museológicos escolares.

No entanto, pode-se pretender que a qualidade formal, pedagógica e comunicativa dos modelos expográficos utilizados, fica muito aquém daquilo que poderia representar este recurso de ensino/aprendizagem. Também do ponto de vista da utilização das TIC (tecnologias da informação e da comunicação), as exposições em meio escolar e pré-escolar, ficam aquém daquilo que seria recomendável, existindo um vasto campo de acção para aumentar o seu impacto sobre a qualidade e a inovação pedagógica. O projecto “Inovação Expográfica em contexto educativo” desenvolve competências entre docentes e discentes, viabilizando a utilização dos conceitos e recursos próprios da Realidade Aumentada.

O LEME por meio deste projeto, orienta a sua ação não só para a questão da expografia como recurso de ensino/ aprendizagem mas também para o melhoramento dos próprios Museus escolares, que funcionam em numerosos estabelecimentos de ensino.

*Universidade Lusófona de Lisboa.

6. Abril | Sessão “Património e Museologia”

Coordenação de Mário Antas (ICOM-CECA Europa)



6. Abril | 11:00 – 11:15

Sessão “Património e Museologia”

Velhos espaços, novos projetos para o museu de Porto de Mós.

Fernanda Maria Reis de Sousa*

Luísa Machado*

Marina Vala*

A requalificação do edifício da antiga central termoelétrica a carvão de Porto de Mós, conhecida como Central Lena, possibilitará a reinstalação do museu municipal, um projeto há muito ansiado pelas gentes locais, em nome da preservação da identidade local, de que este edifício é peça fundamental. Construída no início dos anos 1930, a Central Lena corporiza um conjunto de memórias associadas não só à produção de energia elétrica, como também à atividade mineira do carvão e ao caminho-de-ferro cujas marcas, ainda hoje estão bem marcadas na paisagem.

A apropriação museológica destes contextos afigura-se como determinante na definição do programa científico e cultural para o museu renovado, que assume como premissa inquestionável a presença inequívoca da marca industrial do próprio edifício. Isso é, torna-se essencial que, de um modo intuitivo, transpareça o que foi, outrora, o edifício, enquanto espaço de máquinas, de produção, palco de industrialização, deixando transparecer a cadeia produtiva da eletricidade, bem como as atividades que, a montante e a jusante, coexistiram.

Contudo, a definição do programa museológico para este novo espaço pretende-se mais abrangente. Partindo das especificidades do território, almeja apresentar as estratégias encontradas pela população para contrariar o inóspito chão do carso, que pouca terra oferece e que a água esconde e que se traduzem em formas de cultura, antropológica e etnográfica, que importa conhecer. Estas linhas mestras irão apoiar-se, por um lado, no recurso ao acervo do museu, um conjunto diversificado de peças cobrindo diferentes valências e facetas do território; por outro no recurso a novas formas de comunicação, potenciadas no recurso às tecnologias multimédia.

O renovado Museu de Porto de Mós pretende assumir-se como uma porta de entrada no Concelho, e um convite para o conhecimento efetivo do território. Um polo cultural, de conhecimento, em estreita relação com atores locais e com a comunidade educativa, pautado pela dinâmica interpretativa, pela participação ativa do visitante, pela criação de sinergias. Um espaço inclusivo, ao serviço de todos, garantindo a salvaguarda da memória local, fomentando a criação de laços identitários com a comunidade.

Palavras-chave: Porto de Mós; museu; território; identidade; memória.

*Câmara Municipal de Porto de Mós.



6. Abril | 11:15 – 11:30

Sessão "Património e Museologia"

ViRVER A RUA uma atitude museológica.

Raquel Ventura

Apresenta-se o projeto ViRVER A RUA enquanto manifestação museológica popular, de interesse social e colaborativo. Desenvolvido em, para e com Santiago do Cacém. A modelação de uma "consciência coletiva" (BACZKO; 1985; pp.306) intensifica-se na previsão de uma "colonização cultural" (MAIO; 2011; pp.248). A modernidade trouxe a "Era da Comemoração" e os "lugares de memória" (NORA; 1993), isto é, espaços que privilegiam as memórias individuais ou coletivas fazendo-as perdurar em atos controlados. De museologia à "patrimoniologia" (MAIRESSE; 2006; pp.99), o "boom museístico" (CARREÑO; 2004; pp.7) da atualidade, responde à imprescindibilidade humana de autoafirmação.

A crescente importância do consumo e da cidadania e o despontar do culto à memória, impulsionaram a mudança do paradigma museológico. Diferentes visões museológicas despertaram novas propostas e conceitos expositivos, com um efetivo vínculo comunitário, em claro contraste com a imagem institucionalizada e aristocrática da "velha" museologia. Aparentemente heréticas, à margem dos dogmas tradicionais da museologia, estas iniciativas repensam a matéria, o espaço e o tempo museal. Estes "novos museus" estabelecem os fundamentos da museologia popular (VARINE; 2010).

Duas ações realizadas no centro histórico de Santiago do Cacém, sintetizadas em dois momentos distintos vividos nos dias 15 de Junho de 2013 e 26 de Julho de 2014. Inequívoco resultado da vontade, participação e partilha dos seus habitantes e diversas entidades locais (públicas e privadas) que abraçaram a iniciativa. Intervenções que fizeram de um espaço público lugar transmissor e produtor de conhecimentos, de atualização de memórias individuais e coletivas. Por um dia, cada uma das ruas adquiriu um estatuto museal. Destacadas física e conceitualmente do seu meio, foram simultaneamente "museu" e "objeto musealizado". Despido de coisas, mas ocupado de gente, preencheu-se pela imaterialidade do valor. Expôs o intangível, mas existente em cada um, acentuando a relevância de cada presença e atitude.

Declaradamente efêmera, cada ação gerou uma realidade anacrónica e manipulada, suportada pela dispersão temporal onde o passado vivido se dilui com o passado contado e um outro imaginado. Tecnicamente modesto, foi integralmente construído por "militantes do património", (VARINE; 2010), pessoas que, voluntariamente, estiveram disponíveis para trabalhar em simbiose com o património e território da sua comunidade. Esse profundo envolvimento sugere uma reflexão sobre variados conceitos que se supõem integrados por todos mas que originam linguagens díspares e diferentes perspetivas museológicas.

Referências bibliográficas

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund et al. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. Disponível em:

http://api.ning.com/files/H1qMtTJzigwaJqbk9vgubUg7R3yYwFm9SKqO3kh3Xdz*dxe5TQvuZL8kwSGxmIm6s8XPTY2wl99IC6CSVjxuNEaSeorX-L/Imaginaosocial.pdf Arquivo em PDF. Acesso em 30 de agosto de 2014.

CARREÑO, Francisco Javier Zubiaur. *Curso de museología*. Gijón (Asturias): Ediciones Trea. 2004

MAIO, Fernanda. *A Encenação da Arte*. Leiria, Editora textiverso, 2011

MAIRESSE, François. ¿Ha Terminado la Historia de la Museología?. In: *Museologia e Historia: un campo del conocimiento*. Córdoba: ICOFOM, out. 2006 Disponível em:

http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/ISS%2035%202006%20Histor y.pdf Arquivo em PDF. Acesso em 6 de janeiro de 2015.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo: PUC/SP. Dez.1993. n.10, p. 7-28. ISSN 0102-4442
Disponível em: <http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf> Arquivo em PDF.
Acesso em 20 de abril de 2013.

VARINE, Hugues de. O museu comunitário é herético?. Rede Museus memória e movimentos sociais [On-line]. 2010. Disponível em: <http://redemuseusmemoriaemovimentossociais.blogspot.pt/2010/09/museu-comunitario-e-heretico-hugues-de.html> Acesso em 20 de janeiro de 2015

Palavras-chave: Memória; Património; Museologia; Popular



6. Abril | 11:30 – 11:45

Sessão “Património e Museologia”

PATRIMÓNIOS. Um projecto do Museu Municipal de Palmela.

Teresa Sampaio¹
Michelle Santos²

O projeto «Patrimónios», desenvolvido pelo Museu Municipal de Palmela entre 2009 e 2012, resultou de uma candidatura do Município ao Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN). Na concepção deste projecto, sentimos necessidade de consolidar o conhecimento que possuíamos – partindo dos dados científicos resultantes da investigação histórica, arqueológica, antropológica e arquitectónica –, assim como progredir na investigação com o envolvimento da comunidade local - os habitantes do Centro Histórico - através da recolha de factos, memórias, documentos e objectos, de modo a enriquecer o Inventário Patrimonial do Centro Histórico de Palmela (Material e Imaterial).

Paralelamente, planeámos a composição de uma exposição que apresentaria já alguns dos resultados alcançados e divulgaria o trabalho que estava a ser desenvolvido. Não partimos do pressuposto de que a exposição resultaria exclusivamente do conhecimento técnico do Museu. Para além da componente arqueológica e histórica - ciências essenciais na interpretação e na releitura do espaço urbano desde a sua génese - questionamo-nos sobre quais os patrimónios que deveriam ser incluídos como representativos das pessoas e do lugar. Por que, se por um lado há patrimónios que são óbvios, existe toda uma outra dimensão oculta. É necessário que sejam os seus detentores e construtores (porque o património se constrói) a fazer essa identificação. E foi a partir desta premissa que desenhamos as «Conversas de Poial», um espaço para ouvir e sentir as pessoas que habitam o Centro Histórico no que diz respeito aos patrimónios que consideram significativos para si, enquanto comunidade.

O Museu, através do seu Arquivo de Fontes Orais (AFO), criado em 2003, tem conseguido o envolvimento e o contributo de um conjunto de pessoas. Estas pessoas são repositórios de saber que nos transmitem informação impar para a nossa compreensão da realidade. Não obstante o trabalho que já havia sido desenvolvido, consideramos que este projeto consistia numa nova oportunidade de dar um passo em frente. Queríamos envolver mais pessoas, não pelo acréscimo de número, mas pelas relações que se poderiam vir a estabelecer e pelo conhecimento que poderia advir dessa relação entre o Museu e a comunidade local.

Como chegar às pessoas? Como manifestar que precisávamos do seu contributo? Como motivá-las, de facto, a participar?, foram questões prévias que centralizaram a nossa reflexão.

Palavras-Chave: Museu; Comunidade; Centro Histórico; Património; Memórias.

¹ Antropóloga | Museu Municipal de Palmela

² Arqueóloga | Museu Municipal de Palmela



6. Abril | 11:45 – 12:00

Sessão “Património e Museologia”

Arqueologia(s) e prática(s) museais – Projectos de Arqueologia e Museologia na Câmara Municipal de Setúbal.

Maria João Cândido*

O Setor de Património e Arqueologia da Câmara Municipal de Setúbal desenvolve projectos de investigação e pratica uma arqueologia que têm como objectivo a construção de uma memória identitária, pautando-se por práticas museológicas que permitem um entendimento do colectivo, no espaço e no tempo, numa perspectiva multidisciplinar, com o património arqueológico móvel e imóvel, como suporte e testemunho das vivências de uma comunidade. As práticas museológicas devem estar atentas e ajustadas às diversas realidades e o papel social dos museus e da arqueologia passa, essencialmente, pela interacção com a comunidade.

A prática museal não pretende exibir “saberes especializados”, mas privilegiar a gestão do conhecimento e a valorização desses saberes para a promoção da autoestima individual e comunitária, em que o património arqueológico é entendido como um conjunto de bens que são fruto das relações do homem com o ambiente e com os outros demais homens, aproximando a arqueologia à realidade e à comunidade.

Os projectos de investigação, exposições e actividades desenvolvidas ambicionam uma consciencialização da existência do património, como um conjunto de signos que permitem a identificação do indivíduo em relação a si mesmo e ao grupo a que se integra, no tempo e no espaço. A orientação da investigação não é somente de cariz arqueológico, mas sim de um histórico do quotidiano, permitindo-nos por um lado, uma maior aproximação com a comunidade e, consequentemente trabalhar no sentido de reforçar a identidade sadina (ou as suas identidades), através dos vestígios do passado e, por outro, um melhor entendimento da arqueologia como ciência e da importância dos vestígios arqueológicos.

O projecto de investigação Vida e morte das freiras clarissas do Convento de Jesus e a exposição Diário gráfico de uma escavação são dois exemplos de práticas arqueológicas e do fazer museal no município de Setúbal.

Palavras-chave: Património arqueológico; comunidade(s); museologia; arqueologia informal.

*Arqueóloga - Museu de Setúbal/Convento de Jesus, Câmara Municipal de Setúbal | Investigadora associada do CEIED (Departamento de museologia), Universidade Lusófona de Lisboa.



6. Abril | 12:00 – 12:15

Sessão “Patrimônio e Museologia”

Para “sentipensar” o patrimônio cultural numa perspectiva matrística: a teoria autopoietica como fundamento epistemológico da museologia.

Juliana Siqueira*

Esta comunicação partilha algumas das contribuições teóricas de uma investigação em curso junto à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, realizada com apoio de seu programa de bolsas de estudo para doutoramento em Museologia. Dentre os objetivos da pesquisa, busca-se identificar fundamentos epistemológicos para uma compreensão intercultural da Sociomuseologia. Uma das vertentes de pensamento exploradas é a Biologia do Conhecer, também conhecida como teoria autopoietica, formulada entre os anos 60 e 70 pelo neurocientista chileno Humberto Maturana Romesín, em colaboração com Francisco Varela García.

De acordo com essa teoria, o conhecer humano é um fazer essencialmente coletivo, partilhado nas conversações por meio das quais os sujeitos constroem caminhos explicativos do viver, entrelaçando o ‘linguajar’ e o emocionar. Conforme Humberto Maturana e Gerda Verden-Zöller, as emoções constituem espaços psíquicos que estão na base da distinção entre as culturas patriarcais e as culturas matrísticas. As primeiras erigem sua cosmopraxis sobre o emocionar da apropriação, tendo como consequências a valorização da competição entre os indivíduos e o desenvolvimento de procedimentos de controle, exclusão e cerceamento da participação. Alternativamente, o alicerce emocional matrístico é a aceitação recíproca dos sujeitos como legítimos ‘outros’ na convivência – o que resulta em um ecossistema cultural colaborativo, voltado à criatividade e à realização das subjetividades na diferenciação.

A partir do pensamento holístico e ecológico de Maturana, podemos conceber o processo museológico como um processo cognitivo específico, cuja singularidade reside no nomear do patrimônio. Em essência, a musealização é um ato comunicativo e de significação, realizado em redes de conversações que entretencem emoções e linguagens na definição e preservação dos elementos culturais que distinguem e identificam uma coletividade. Como campo reflexivo debruçado sobre esse fazer, a Museologia se configura como um ‘sentipensar’ complexo, isto é, como uma racionalidade erguida e orientada por um espaço psíquico particular.

Extrapolando as caracterizações de Maturana e Verden-Zöller sobre as culturas matrísticas e patriarcais, propõe-se uma leitura das práticas e do pensamento museológico contemporâneo segundo esses eixos. Nesse sentido, a Sociomuseologia emerge como um sentipensamento matrístico, orientado por um emocionar inclusivo e comprometido com o compartilhamento dos saberes e fazeres ligados à produção e gestão do patrimônio cultural, com vistas à construção do protagonismo comunitário no exercício dos direitos à memória, à cultura e à comunicação.

Palavras-chave: Biologia do Conhecer; Culturas Matrísticas; Museologia; Patrimônio.

* Museu da Imagem e do Som de Campinas | Doutoranda na Universidade Lusófona de Lisboa.



6. Abril | 12:15 – 12:30

Sessão “Património e Museologia”

Tapetes de pedra em Conímbriga: uma re-pavimentação virtual.

Natércia Soares*

O Museu Monográfico de Conímbriga tem ao seu cuidado um património notável, de onde destacamos a colecção de mosaicos in situ. Destes objectos interessa-nos focar a atenção nos que apresentam composições de figuras geométricas.

Preservar, investigar e divulgar o património são responsabilidades do Museu e nesta comunicação daremos um simples contributo para abordar a sua relação com a Educação no contexto das aprendizagens ao longo da vida e das práticas sociais.

As pavimentações, reais tapetes de pedra, vistas pela lente da Geometria Elementar, constituem um meio privilegiado para, em contexto de educação formal ou não-formal, estudar aqueles mosaicos, de um ponto de vista geométrico.

Na construção de tais pavimentos estiveram presentes instrumentos de desenho materializados em uma régua, um esquadro e um compasso, mas, na actualidade, poderemos apoiarmo-nos nas tecnologias de informação e comunicação e, por conseguinte, dispor dessas ferramentas em software específico como o software, de uso livre, Geogebra (www.geogebra.org).

Assim, nesta comunicação, partindo da imagem de um mosaico de Conímbriga apresentaremos uma proposta de actividades que poderão ser desenvolvidas com o objectivo de sensibilizar o público para uma geometria aplicada e, com um olhar geométrico, identificar os elementos presentes na representação. Compreendida a estrutura do mosaico e na posse das características geométricas do pavimento encontraremos o correspondente modelo que poderá ter servido de base à sua construção. De seguida, construir-se-á, com o software Geogebra, o modelo geométrico e com a ajuda dessa aplicação propomo-nos experimentar a re-pavimentação lúdica dos mosaicos.

Palavras-chave: Museu; Educação; Conímbriga; Mosaico; Geometria.

*Professora Aposentada do Ensino Básico e Secundário.



6. Abril | 12:30 – 12:45

Sessão “Património e Museologia”

Património, Educação, Inovação e Novas Tecnologias.

Mário Antas¹
Miguel Feio²

Cada vez mais a educação patrimonial assume-se como uma área de intervenção transversal no processo educativo. Neste sentido o estabelecimento de redes entre instituições ligadas ao setor da cultura e educação torna-se fundamental.

Na presente comunicação apresenta-se um caso prático de ligação entre o museu e a escola. Contando com o apoio da Rede Nacional de Clubes de Arqueologia do Museu Nacional de Arqueologia, o clube de arqueologia do externato Frei Luís de Sousa tem vindo a desenvolver um conjunto de actividades em que as linhas de atuação da educação não formal do Museu se cruzam com as linhas de educação Formal da escola.

Neste sentido, num mundo liderado pelos processos digitais e tecnológicos, a educação ativa e cooperativa constitui-se como um paradigma metodológico que vai ao encontro da realidade do novo perfil do aluno em que o domínio do saber técnico e tecnológico é reconhecidamente elevado, sem desconsiderar a importância da relação interpessoal e o conhecimento. Deste modo, os instrumentos tecnológicos ao serviço da educação patrimonial, promovem a compreensão complementar e potenciam novas aprendizagens acerca do meio que nos envolve. A Realidade Aumentada é um exemplo de ferramenta digital, que pode estar ao serviço da educação formal e não formal, permitindo aos estudantes e famílias que dominem a literacia digital, aceder a novos conteúdos e sobretudo constituir-se como uma ferramenta estimulante de aprendizagens cooperativas.

Palavras-chave: rede; Educação patrimonial; experiências educativas; realidade aumentada; aprendizagens cooperativas.

¹ Museu Nacional de Arqueologia ICOM Portugal | ICOM CECA | Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

² Externato Frei Luís de Sousa | Instituto Piaget de Almada.

6. Abril | Conferência



6. Abril | 15:00 – 15:50

Conferência

O Museu como educador. A didática do objecto.

Joan Santacana*

La intervención plantea las bases de la didáctica del objeto. Los museos son grandes depósitos de objetos que lanzan mensajes y de la misma forma que cada uno de nosotros nos definimos y caracterizamos por los objetos que nos rodean, los pueblos y las naciones se autodefinen por los objetos y restos que conservan, es decir, por su patrimonio cultural.

A partir de estas consideraciones planteamos el valor de los objetos con el objetivo de transformarlos en herramientas educativas.

*Universidade de Barcelona.

6. Abril | Sessão “Museus e colecções”

Coordenação de António Carvalho (MNA)



6. Abril | 16:00 – 16:15

Sessão “Museus e Colecções”

Modos de Ser, Modos de Conservar: o Contributo da Conservação e Restauro para a Comunicação do Património Museológico.

Maria José Coelho*

“O Museu transforma a obra em Objecto”

André Malraux

O património pode ser considerado como um processo de produção cultural, cujo significado se relaciona intrinsecamente com o passado, e que se pretende seja objecto de salvaguarda, constituindo-se como um legado às gerações futuras, permitindo a partilha de histórias, memórias e identidades. Pretendemos abordar o objecto patrimonial com valor museológico, sob uma perspectiva crítica e não apenas de uma forma explanativa. O património material possui uma qualidade inerente conotada com a obra, e olhamos para ele como uma valorização do passado, reconhecendo que a materialidade situada nesses objectos foi escolhida de modo a transmitir um significado.

Um dos principais eixos de actuação das instituições que gerem os Museus centra-se em acções específicas dirigidas aos diversos públicos, com oferta de actividades diversificadas com função educativa, procurando uma disseminação do património cultural e uma maior reflexão e aquisição de saberes. As comunidades são envolvidas nos projectos numa transversalidade que traduz a legítima preocupação em dar a conhecer o património. O Museu torna-se um co-criador de experiências e conhecimentos, promovendo o desenvolvimento da literacia e das competências culturais.

Verifica-se, no entanto, que a procura dessa sensibilização tem vindo a relevar a conceptualização da arte, olvidando por vezes a própria obra como uma materialidade que comunica. Tem-se observado uma transferência do foco para o espectador, ou visitante do Museu, e um desvio do objecto em si mesmo.

Queremos olhar para o património sob uma perspectiva mais focada, contribuindo com uma reflexão sobre a necessidade de conservação da materialidade da obra, para que a sua imagem continue a ser compreendida pelo fruidor da mesma e a respectiva memória continue a ser ressignificada. Se o processo de encontro entre o visitante do Museu e o objecto exposto não for acautelado, pode perder-se o potencial museológico da peça, criando-se uma dissonância entre as diferentes vozes.

As novas realidades dos Museus do século XXI requerem novos paradigmas, novas práticas e novos modos de pensar. Assim, propomos que as políticas museológicas desenvolvam uma cooperação activa e articulada em torno do diálogo intercultural, numa sustentabilidade a par de medidas práticas de conservação e restauro das obras patrimoniais. Para isso, as instituições devem esforçar-se em criar espaços oficiais de tratamento das peças, de forma a evitarem a degradação da materialidade do seu património, e por consequência, a falha de comunicação entre este e os seus públicos.

Estas mudanças organizacionais são prementes e a procura de soluções em que as medidas de preservação existam conjuntamente com as práticas participativas, devem tornar-se parte integrante da vida de todos os Museus.

Palavras-Chave: Património; Museus; Conservação e Restauro; Imagem; Comunicação.

*FBAUL | CIEBA.



6. Abril | 16:15 – 16:30

Sessão “Museus e Colecções”

É urgente preservar o espólio do Museu Nacional Ferroviário.

António Pinto Pires*

A CP, Caminhos de Ferro de Portugal, a IP, Infraestruturas de Portugal, a FMNF, Fundação Museu Nacional Ferroviário, são detentoras de um valiosíssimo espólio, muito do qual integra já o acervo da FMNF, sendo que muito do mesmo que se encontra disseminado pelo país, embora com características museológicas, ainda se encontra numa situação indefinida relativamente à sua tutela, nomeadamente no que diz respeito à sua preservação.

A indefinição e a inépcia, sobretudo o entendimento entre as partes anteriormente citadas, em que a FMNF deveria assumir um papel de pivot arbitral nesta matéria, têm em muito prejudicado o diálogo tendente ao encontrar de soluções para que se possa proceder ao acondicionamento do valiosíssimo espólio ferroviário, sobretudo material circulante, abandonado ou estacionado nas piores condições de conservação, a saber:

- Entroncamento. Aqui se encontra o acervo maior, que se divide entre a sede do MNF e um denominado armazém de madeiras onde cerca de 60 veículos estão depositados, muitos deles sem qualquer proteção, sob as condições implacáveis dos elementos.
- Gaia. É sobeja e publicamente conhecido, e do âmbito público, o estado de abandono e degradação em que se encontram ali depositas as últimas locomotivas a vapor propriedade da CP que operaram na zona norte do país.
- Régua. A situação repete-se com diversos veículos ali estacionados, os quais para além da ação irreversível da sua exposição aos elementos, acresce o fator vandalismo, desmembrando e descaracterizando importantes veículos passíveis de futura utilização, seja museológica, seja do ponto de vista turístico.
- Tua. Encontram-se ali depositadas as últimas oito carruagens de via estreita, denominadas napolitanas, em condições aceleradas de degradação.
- Pocinho. Nesta estação encontra-se uma reserva de material circulante de via estreita depositado em antigas cocheiras. Em habitações circundantes, encontra-se depositado material diverso, espólio de menores dimensões. Porém, as deficientes condições de conservação estão a permitir que o vandalismo vá tomando conta do mesmo, permitindo-se a delapidação por furto, como se pode constatar in loco.
- Outras situações: Sernada do Vouga, alternativas.

*Associação Portuguesa do Património Industrial.



6. Abril | 16:30 – 16:45

Sessão "Museus e Coleções"

Jardim Botânico da Casa da Cerca: um projeto de arte e ciência.

Sónia Francisco*

A Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea é um equipamento municipal localizado em Almada com um projeto artístico de divulgação da arte contemporânea, com incidência no Desenho, dando a conhecê-lo e motivando a sua aprendizagem, e que estabelece uma estreita relação entre a arte e a ciência através do seu Jardim Botânico – O Chão das Artes. Projeto único na Europa, e que se conheça, no mundo, a especificidade deste Jardim é ter uma coleção de plantas cujos componentes vegetais são matéria-prima para as artes plásticas.

O carvão da videira, a madeira dos carvalhos, a tinta da noqueira, o óleo das papoilas, o algodão para o papel, são alguns dos exemplos que podemos encontrar entre a centena de espécies de plantas presentes nesta coleção. A relação que o Centro de Arte estabelece na sua atividade, entre exposições e o jardim, é estreita e constante, ora através da realização de exposições temáticas em que o Jardim invade as salas convencionais de exposição, ora através da realização de projetos expositivos no Jardim relacionando-os diretamente com as exposições patentes. Não tendo uma coleção de obras de arte, a Casa da Cerca, apresenta antes uma coleção viva – a das plantas do Jardim Botânico. É com ela que pensamos este "Museu" não só como matéria-prima, mas como fonte de inspiração e de investigação. A exploração desta coleção exige investigação permanente, ao nível da botânica, do cultivo e manutenção da planta, da história da arte e da história dos jardins, e da etnobotânica nas diferentes práticas artísticas.

A constante procura de conhecimento e a vontade de o partilhar tem criado uma série de atividades para os mais diferentes públicos, variando entre as exposições documentais, o seu cruzamento com o trabalho de escolas artísticas, oficinas de exploração e execução de diferentes materiais (papel de plantas, tintas vegetais, tingimentos, ...) a conversas teórico-práticas sobre diferentes espécies e a sua relação com as artes.

Níveis diferentes de abordagem para públicos diversos têm permitido uma partilha de informação e de conhecimento de práticas ancestrais relacionadas com os vários usos das plantas, mantendo assim o tema atual e inovador.

Palavras-chave: arte; ciência; coleção; investigação; educação.

* Arq.^a Pais. | Casa da Cerca – Câmara Municipal de Almada.



6. Abril | 16:45 – 17:00
Sessão “Museus e Colecções”
Museus ou arquivos de Memória.

Paulo Castanheira*

Pretende-se traçar a evolução dos museus (do grego “Templo das Musas”) que aparecem como um “arquivo” para “Memória Futura” . Mais tarde passou a designar-se assim qualquer edifício destinado ao estudo das Belas Artes, das Ciências e das Literaturas. A Modernidade traz consigo razões que levaram à sua profusão e diferenciação.

Foi, com efeito, La Font Saint-Yenne quem, em 1746, propôs que os tesouros artísticos disseminados pelos palácios fossem reunidos em locais próprios, a fim de os dar a conhecer aos amadores e artistas. Em França o palácio de Luxemburgo constitui o primeiro começo do museu público, onde em 1750 abriu ao público, (somente para alguns), uma exposição de pintura de mestres célebres. A Revolução Francesa efectivou a ideia de um museu público permanente que foi inaugurado a 10 de Agosto de 1793 para não mais fechar.

Actualmente, o conceito é muito mais amplo. A princípio construíram-se, em todas as grandes capitais europeias, edifícios monumentais destinados a guardar nas salas ou galerias toda a espécie de objectos destinados a testemunhar a cultura das épocas passadas, nacional e estrangeira, até de países exóticos; mas, mais recentemente, manifestou-se a tendência para o desdobramento dos grandes museus noutros de carácter especial, quer no aspecto artístico, quer científico, etnográfico, simplesmente curioso, etc. Na sociedade contemporânea graças ao desenvolvimento de novas tecnologias é possível arquivar em imagens e som, factos marcantes do nosso presente, e preservá-los para memória futura, qualquer pessoa (com apenas um click) tem acesso fácil a toda a informação de que necessita, quase instantaneamente, mesmo sem sair de casa.

O património que até aqui era pertença dos museus e do estado ou até de particulares, ao ser difundido pela internet, passa automaticamente a pertencer a todos, não realmente, mas sim, virtualmente. Trata-se de um novo tipo de “arquivo/museu” , que se estende à totalidade do real. Hoje em dia, podemos dizer que a globalização levanta questões em que é urgente reflectir. O grande fluxo turístico e a classificação de património mundial obrigam a um refluxo dos habitantes locais e, conseqüentemente, a uma descaracterização dos espaços que ficam desenraizados.

Palavras-chave: museu; arte contemporânea; modernidade; turismo; património.

*Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.



6. Abril | 17:00 – 17:15
Sessão “Museus e Colecções”
Museus - espaços interactivos.

Maria Orquídea Borges-Bispo*

O século XVIII operou uma viragem na sociedade e na arte. A diversidade social - com a emergência da classe burguesa, saída da expansão marítima na qual os portugueses foram os principais actores – desencadeia sucessivas transformações estéticas num jogo dialéctico entre a tradição e a inovação. Não há um caminho mas vários, debatidos em acesas polémicas que fazem convergir princípios filosóficos e princípios sócio-políticos (como a discussão entre Helvétius e Diderot). As fronteiras dos géneros esbatem-se e as diferentes expressões artísticas unem-se em prol da poiesis.

A procura do movimento encontrou uma primeira e imediata resposta nas sombras chinesas, comercializadas em Versailles no final do século. Abriu-se a porta ao ecletismo que domina a arte contemporânea. O caminho encetado por Diderot no século das Luzes cede o lugar ao movimento Fluxus no século XX dando expressão à entrada da arte no quotidiano ao mesmo tempo que desloca a noção de sublime, agora ao alcance de todos. Tudo é arte. É preciso saber ver.

A diferença está no olhar que se educa. Fazendo uso do princípio da intermedialidade, a arte contemporânea franqueia as portas às tecnologias o que permite supor que o destino das obras será outro. No Museu Vostell existe um espaço onde se pode tomar consciência simultaneamente do espaço da linguagem, das explorações experimentais da poesia concreta, das experiências sonoras de poetas e de artistas plásticos, assim como das experiências verbais de plásticos ou músicos.

Museus abertos a outras expressões artísticas e ao público. Porque não concertos, dança, teatro em Museus? Porque não ateliers para o público se exercitar (mesmo tentando imitar os grandes mestres)? O Museu da Revolução de Vizille, em França (Musée de la Révolution Française, domaine de Vizille, Isère), dá conta duma série de iniciativas para este ano de 2017: colóquios, música, dança nos jardins, projectos como “La classe, l’oeuvre” , “Zoom sur une oeuvre” , “Entrez dans le cadre” . Os museus têm que se abrir à participação activa do público que tem que sentir que é bem-vindo porque aquele espaço é sua pertença. Trata-se do combate à museificação ou coisificação a partir da interactividade.

Palavras-chave: Luzes; *fluxus*; arte contemporânea; museu.

*Instituto Politécnico de Coimbra.



6. Abril | 17:15 – 17:30

Sessão “Museus e Colecções”

Dias do Pão: um projeto de educação global para a cidadania a partir do património local.

Ana Braga*

Ângela Ribeiro*

Elisabete Gonçalves*

Com o património local podemos refletir sobre problemas globais do presente e até do futuro? O Centro de Arqueologia de Almada (CAA) é uma associação, não é um museu. Não sendo um museu, os objetivos e metodologias utilizados assemelham-se aos que são usados pelos serviços de educação/mediação dos museus. Não tendo colecções ou acervo museológico, o CAA promove a investigação e a Educação Patrimonial com recurso ao património, ao território e à paisagem de Almada. Em diferentes projetos de Educação Patrimonial existe colaboração próxima ou prestação de serviços a entidades museológicas. Desta forma, o CAA pode ser considerado uma entidade parceira que, em alguns casos, complementa a atividade dos serviços de educação/mediação de alguns museus.

O projeto Dias do Pão, que vamos aqui apresentar, começou com três desafios que nos foram lançados. No início de 2016 fomos contactados pelo projeto Museo Mundial, um projeto europeu sobre a introdução dos temas da Educação para a Cidadania Global nos museus de toda a Europa. Convidaram-nos a abraçar o mesmo desafio que outros museus já estavam a concretizar: com as colecções/património abordar temas atuais, nomeadamente, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Na mesma altura, a atriz-marionetista Ângela Ribeiro,

recorreu ao Centro de Documentação do CAA na preparação de um espectáculo. Gerou-se imediatamente empatia e vontade de criar um projeto comum, aliando a arte e o património. O terceiro desafio foi proposto pelo Agrupamento de Escolas Carlos Gargaté, com quem o CAA desenvolve um projeto de Educação Patrimonial de longo prazo: o Museu vem à Escola. Neste projeto, o CAA realiza ações que fazem a ponte entre os programas escolares e a história local, em todas as turmas de todos os anos deste agrupamento. O desafio lançado era criar uma atividade nova para os alunos do 1º ano. O resultado foi a produção de um espectáculo + oficina que desde meados de 2016 tem vindo a ser apresentado em escolas e museus.

O Dias do Pão é assim um caso de estudo interessante, quer do ponto de vista do tema abordado e das estratégias pedagógicas adotadas, quer dos materiais utilizados para concretizar estas estratégias, quer das pessoas e entidades envolvidas, quer, finalmente, da forma como é assegurada a sua sustentabilidade.

Acreditamos que através da investigação e da educação, criando parcerias e alimentando sinergias, é possível manter o património cultural relevante tornando-o chave para reflexão de questões e problemas das sociedades atuais.

Palavras-chave: património; cidadania; arte; investigação; educação

*Centro de Arqueologia de Almada.

7. Abril | Sessão “Experiências educativas em espaço museológico”

Coordenação de Luís Pequito (Câmara Municipal de Almada)



7. Abril | 09:30 – 09:45

Sessão “Experiências educativas em espaço museológico”

Educação e Formação de Públicos em Museus - novas visitas temáticas.

Maria da Luz Cardoso Nolasco*

O Museu de Aveiro dedica um programa de atividades e de visitas temáticas, de oficinas, de projetos de inclusão e participação dirigido aos públicos para explorar temas relacionados com a história do edifício, com as coleções permanentes e com a cidade. Os objetos e a arqueologia da origem são a base da nossa inspiração e motivação e servem de estímulos à curiosidade, à criatividade e à capacidade crítica. O objetivo é criarmos interlocutores entre estes recursos materiais e o que significam na actualidade. Valorizamos a troca de experiências e de conhecimentos pela observação direta e interativa dos públicos em ambientes “iminentemente artísticos” .

As Visitas:

I - *Flashback / Refresh* - valores do passado que servem o presente – acerca do edifício conventual e a sua articulação com as noções de monumento e de monumentalidade, de história, de memória e de tempo. A articulação destes conceitos com a simbólica do tempo religioso.

II - Telhados que crescem – vazios que aparecem – a “cerca do convento” e a “cerca da cidade” - a relação entre a comunidade religiosa e a envolvente urbana; os conceitos de identidade e de memória.

Objetivos: a) Conhecer um conjunto de espaços conventuais e de obras de arte integradas nestes espaços; b) Educar o olhar de modo a identificar e a descodificar o sentido de obra de arte monumental e o significado de monumento; c) Compreender a história como o cruzamento do tempo longínquo e do tempo recente estando o tempo histórico na origem das coleções do museu – fazer *Flashback*; d) Reconhecer a diversidade e os pontos comuns das obras e dos espaços conventuais através dos objectos, das suas estéticas e das funções que desempenham - religiosa, quotidiana, social, etc. – fazer *Refresh*.; e) Identificar nesta diversidade, a especificidade de cada obra e assim ir redefinindo e alargando o conceito de objecto artístico, de monumento, de património, ...

Palavras chave: Monumento; Património; História; Tempo; Memória; objeto artístico.

*Museu de Aveiro | Santa Joana.



7. Abril | 09:45 – 10:00

Sessão “Experiências educativas em espaço museológico”

Experiências educativas com grupos escolares na Rede Municipal dos Museus de Almada.

Guilhermina Silva*

João Valente*

O principal objetivo desta comunicação é a apresentação das linhas de ação desenvolvidas pelo Serviço Educativo da Rede Municipal de Museus, da Câmara Municipal de Almada, no contexto da intervenção com os públicos específicos que se deslocam a estes museus: crianças e jovens integrados em grupos escolares e de ATL, educadores, professores e monitores. O serviço educativo da Rede Municipal de Museus propõe linhas de ação que têm como objetivo, o envolvimento da comunidade educativa, através da fruição dos espaços museológicos e de percursos urbanos de interpretação do território, permitindo formas de descoberta de valores pessoais e coletivos integrados na diversidade cultural e patrimonial do concelho.

Propõe e desenvolve uma diversidade de atividades e recursos para os diferentes graus de ensino, como visitas-jogo, oficinas temáticas, visitas orientadas e exposições itinerantes, projetadas segundo a especificidade de cada pólo museológico transversais aos conteúdos programáticos numa dimensão educativa não formal. Estes polos são: Museu da Cidade; Museu Naval; Museu Medieval Moderno; Museu da Música Filarmónica. Enquanto educadores, entendemos que a comunicação entre o educador do museu e o visitante é um processo de partilha, participação e associação de ideias, um processo cultural aberto a diversos significados. A nossa intervenção assenta na perspectiva destes participantes enquanto indivíduos, que aprendem as coisas à sua maneira e são ativos na construção do seu próprio conhecimento, sendo esta construção o resultado de um processo cognitivo que se realiza num contexto social e cultural. Esta comunicação estrutura-se da seguinte forma: após uma breve introdução, são descritas as experiências com os alunos do pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico e com os alunos do 2º e 3º ciclo e do secundário (capítulo 2). No capítulo 3, apresentam-se as principais conclusões.

Palavras Chave: Almada; Museus; Património; Cidadania; Participação.

* Divisão de Museus e História Local, Câmara Municipal de Almada.



7. Abril | 10:00 – 10:15

Sessão “Experiências educativas em espaço museológico”

Museu de Angra do Heroísmo | um Museu para a comunidade.

Ana Lúcia Almeida*

Distinguido com o Prémio APOM para o melhor Serviço Educativo em 2013, o Serviço Educativo do Museu de Angra do Heroísmo assume-se como mediador entre a instituição a que se encontra ligado e a comunidade, desenvolvendo um programa sistemático de ações de natureza eclética, inspiradas nos conteúdos temáticos das suas exposições, mediante o estabelecimento de parcerias com entidades públicas e privadas, para responder às necessidades e interesses dos diferentes perfis de utentes.

Tal programa assenta em cinco áreas de incidência, definidas a partir das faixas de público que se visa congregar:

Museu Educativo: abrange o público escolar, englobando os jardins-de-infância, as escolas do 1.º ciclo ao secundário, as escolas profissionais, os programas de educação especial e para adultos e ainda a Universidade. O carácter heterogéneo deste público implica a criação de guiões de visitas orientadas adequados ao nível de ensino, englobando, no que respeita às faixas etárias mais baixas e ao ensino especial, jogos e atividades expressivas que facilitam a perceção de novos conhecimentos e criam uma vinculação afetiva ao Museu, entendido como um espaço regado mas aprazível. Estas atividades são de frequência gratuita e levadas a cabo regularmente, mediante inscrição prévia.

Museu Júnior: considera o público infantil, compreendendo ateliês lúdico-pedagógicos, em regime de inscrição individual, organizados em período não lectivo. De frequência gratuita, estas atividades são planificadas pelo Serviço Educativo, abrangendo áreas diversas como a expressão plástica, o teatro, a música e os ofícios tradicionais.

Museu Familiar: inclui oficinas que implicam uma colaboração entre crianças e adultos. De frequência gratuita e com inscrições limitadas, estas atividades são planificadas pelo Serviço Educativo, mas contam episodicamente com a participação de formadores externos.

Museu Radical: apela ao público jovem com motivações distintas das ofertas passíveis de serem disponibilizadas por um Museu e que é chamado a participar em eventos de natureza marcadamente alternativa, em termos artísticos, musicais ou desportivos.

Museu Aberto: direciona-se para um público adulto, integrando iniciativas abrangentes que, aproveitando as sinergias existentes, fazem do Museu um centro de confluência do pulsar da comunidade. São de frequência gratuita e decorrem em regime de livre acesso. Contam com a participação do corpo técnico do MAH ou decorrem do estabelecimento de parcerias externas.

O desenvolvimento sistemático deste programa de acção, aumentou significativamente o número de visitantes e permitiu ao MAH afirmar-se como um lugar de preservação da memória e um espaço de conhecimento e de fruição, ao serviço do bem-estar e do desenvolvimento da comunidade em que se insere.

*Museu de Angra do Heroísmo.



7. Abril | 10:15 – 10:30

Sessão “Experiências educativas em espaço museológico”

Museus, um espaço para a educação não formal – a experiência do grupo Faz 15-25.

Joana Hortas

Os museus possibilitam oportunidades de aprendizagem que não são possíveis nos locais de educação formal. Importa então compreender as potencialidades dos espaços de museu e dos seus acervos, possíveis espaços de aprendizagem e interpretação que por vezes ainda são esquecidos. Podem ainda proporcionar uma experiência lúdica e conduzir na descoberta de novas temáticas.

A participação nos museus passa pelas atividades diversas, previamente planeadas, com vista à valorização dos públicos que acolhe. Porém, pode também passar pelo envolvimento no museu de varias formas, com experiencias que podem ser muito diferenciadas e para públicos muito variados. Os museus são lugares particulares para uma “aprendizagem no momento” (Reeve, 2002). Os Serviços Educativos dos museus têm diversas missões relevantes em aproximar e criar dinâmicas entre os públicos e museu. O seu trabalho passa por compreender a diversidade de públicos que acolhem e as solicitações que destes podem advir, bem como compreender encontrar soluções para levar os “não-públicos” aquele espaço. É relevante a busca de respostas criativas que permitam disfrutar do ambiente do museu como instituição de carácter cultural e educativo.

A experiência que mobilizamos para esta reflexão resulta de uma participação, enquanto elemento do coletivo de jovens, associado ao Museu Arpad Szenes - Vieira da Silva, o grupo Faz 15-25. Os públicos jovens eram escassos no museu, em particular fora de contexto escolar, uma situação que se repete noutros museus portugueses, motivo pelo qual é importante repensar as respostas e estudar as possibilidades de captar novos públicos.

Este coletivo era um grupo aberto a todos os jovens, entre os 15 e 25 anos, não existem requisitos de entrada, esta é independente do estatuto económico e académico. Com uma programação e oferta diversa para os membros, pretende ser um espaço de partilha no âmbito da cultura e dos museus, sensibilizando ao mesmo tempo esta faixa etária para a apropriação deste espaço, proporcionando também contacto com os profissionais e integrando-se nas atividades do museu.

Os benefícios desta iniciativa são mútuos. Destacando, o museu combate a falta deste público e ganha novas visões trabalhando com este. Por outro lado, os jovens ganham capital social e desenvolvimento pessoal, ao mesmo tempo que fomenta aprendizagens e o gosto pelos museus.

Palavras chave: democratização da cultura; museu; educação não formal; coletivo de jovens; serviço educativo.



7. Abril | 10:30 – 10:45

Sessão “Experiências educativas em espaço museológico”

Museu Municipal de Palmela. Serviço Educativo – experiências e vivências.

Sandra Silva*

O Município de Palmela detém uma área geográfica de aproximadamente 465 Km², composta por quatro freguesias. O território espelha bem a diversidade e diferenças identitárias do concelho; estas diversidades traduzem-se, não apenas em termos da geografia-económica mas,

sobretudo, ao nível das suas tradições e saberes, ainda de forte padrão rural, enquanto cultura guardiã das identidades locais. É neste âmbito que o Museu Municipal de Palmela se constitui como Museu de Território, apoiado em metodologias de trabalho e em parcerias e extensões museológicas representativas das dinâmicas e identidades locais.

Cabe ao seu Serviço Educativo corporizar-se como lugar de encontro pelo gosto da descoberta, compreensão da memória coletiva e do património cultural. Para além da oferta pedagógica, que pressupõe a deslocação dos grupos aos espaços do Museu ou a ida do Museu à Escola, procuramos ir mais longe. Ao longo dos últimos anos, temos investido no reforço e na qualificação dos públicos, por meio da produção de Recursos Pedagógicos que disponibilizamos em formato físico e/ou digital. Acreditamos que esta é uma estratégia que nos permite cumprir parte da nossa missão: potenciar o envolvimento da comunidade e, simultaneamente, divulgar e valorizar o património local, desde a Base, estabelecendo laços duradouros numa assunção de que o museu deve estar permanentemente disponível e acessível.

Por recursos pedagógicos entendemos as Maletas, Cadernos e Exposições, que concebemos para serem requisitados por diferentes tipos de públicos: escolas, associações de pais, empresas de atividades de tempos livres (ATL), associações e outras organizações de pessoa coletiva que visam o desenvolvimento local, assim como empresas que procuram qualificar os seus trabalhadores por meio de ações de formação sobre o Património Local. Para além da sua existência material, alguns destes recursos estão disponíveis em formato digital nas páginas de internet que gerimos.

O conceito «Museu de mão em mão», materializa a determinação do Museu Municipal de Palmela em servir os patrimónios que estão sob a sua responsabilidade e, consequentemente, os seus públicos. Queremos ser agente mediador entre a comunidade e o seu património, capacitando-a para a leitura e apropriação sustentável do território que é seu.

Palavras-Chave: Museu; Recursos Pedagógicos; Educação Patrimonial; Partilha; Capacitação; Autonomia; Acessibilidade; Conhecimento; Participação; Comunidade Local.

* Câmara Municipal de Palmela | Museu Municipal de Palmela (Serviço Educativo).



7. Abril | 10:45 – 11:00

Sessão “Experiências educativas em espaço museológico”

Um Museu para O Futuro.

Sandra Santos¹

Andreia Dias²

Um Museu Para O Futuro é um projeto de educação artística que tem como objetivo central desenvolver competências socioemocionais através de uma aproximação entre a escola e o património. Nasceu em setembro de 2013, assumindo um percurso focado num movimento cíclico de internalização e externalização da riqueza do património. Partimos do pressuposto que a criatividade tem uma relação com a saúde mental.

Atividades dinamizadas de acordo com técnicas especializadas, exposições de obras de artistas de renome e debates orientados, têm vindo a estabelecer um fio condutor entre o valor da ancestralidade (fortalecimento dos laços de identidade e de pertença) e a vontade de entrar no futuro (reforço da identidade individual). Ao longo destes três últimos anos a contemporaneidade é absorvida e expressa pelos alunos sob a forma de uma narrativa que realiza e entusiasma todos os construtores deste magnífico museu.

A Fundação Calouste Gulbenkian – Centro de Arte Moderna, Museu Municipal de Palmela e Museu De Arte Arquitetura e Tecnologia | Fundação EDP são os nossos principais parceiros. O

projeto desenvolve-se a partir de oficinas de educação artística e atividades de carácter científico. Baseia-se em metodologias especializadas e visa desenvolver competências socioemocionais e promover o sucesso escolar dos alunos. Partindo da premissa que a criatividade tem um papel adaptativo considerável nas mutáveis e complexas vivências diárias dos nossos jovens alunos, Acolhemos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem associadas a transtornos emocionais relevantes.

O grupo alvo é constituído por discentes que apresentam uma acentuada fragilidade relativamente à constituição do seu núcleo familiar: perda por morte de um dos progenitores, separação, integração de um membro da família em estabelecimento prisional, consumo de substâncias psicoativas, negligência, abandono e reduzidos recursos económicos e culturais. Através do cruzamento entre o património pessoal, o Nacional e o da comunidade local, pretendemos alargar acessibilidades e reforçar a nossa proposta de desenvolvimento de competências socioemocionais.

Palavras-chave: Arte; Criatividade; Identidade; Saúde Mental.

¹ Agrupamento Escolas José Saramago.

² Serviço educativo Fundação Calouste Gulbenkian-CAM.



7. Abril | 11:00 – 11:15

Sessão “Experiências educativas em espaço museológico”

Música & Museus: Relação perfeita ou casamento de conveniência?

Isabel Monteiro*

É do conhecimento geral o inestimável papel dos Serviços de Educação nos museus (SE), cada vez mais alargado a novas exigências e responsabilidades, embora nem sempre providos dos meios correspondentes. Não obstante, os protagonistas destes SE recorrem frequentemente à música para as suas atividades, quer como ferramenta de trabalho para áreas diversificadas, quer como evento musical em si mesmo, inscrito na programação dos seus museus.

Encontramos assim a música em dois tipos de situação distintos: aquela a que o Educador do SE recorre com fins didáticos, para tornar mais eficaz a sua tarefa relativa aos acervos do museu onde trabalha, e a música que surge de forma aleatória, por razões administrativas ou outras, que não são escolhidas pelos SE.

Podem os agentes educativos – educadores, conservadores, investigadores, colaboradores – recorrer a músicos especializados nas temáticas a abordar, nomeadamente de acordo com os programas museológicos em vigor ou a implementar? As temáticas são praticamente inesgotáveis, podendo referir-se a épocas, locais, tradições e culturas, mas também a personalidades, natureza e ambiente, estilos artísticos, conhecimento científico... A música, pelo seu carácter intrínseco, promove uma comunicação privilegiada com praticamente todos os tipos de público, permitindo abordagens multifacetadas, práticas, teóricas e mistas.

Muitos músicos estão especializados ou vocacionados para certos géneros (ou estilos, ou épocas), sendo portadores de uma vasta informação e experiência artística nesses domínios específicos. Na sua maioria têm formação pedagógica e experiência no ensino (sobretudo básico e secundário), estando eventualmente aptos a colaborar com os responsáveis pelos programas educativos dos museus no âmbito das suas áreas de especialização.

Se as peças do museu aguardam serenamente que os visitantes as observem, resguardadas na sua clausura cuja missão é preservá-las para a posteridade, as peças musicais têm vida própria

apenas quando são executadas, podendo esta dialéctica ser potenciada pelo agente educativo/animador que trabalha em parceria com o intérprete musical.

Nesta comunicação gostaria de abordar diversas facetas desta questão, lançando também algumas ideias do ponto de vista pedagógico e artístico sobre uma relação proveitosa – utópica? – a fomentar entre Música e Museus.

Palavras-chave: música e museus; músicos; museus e educação; papel da música.

*Academia de Música de Santa Cecília | IL DOLCIMELO.

7. Abril | Sessão “Museus: da investigação à educação”

Coordenação de Joaquina Soares (AMRS/ CEA-MAEDS)



7. Abril | 11:30 – 11:45

Sessão “Museus: da investigação à educação”

A Exposição ‘Allosaurus: um dinossáurio, dois continentes?’ - divulgar o método científico para promover literacia.

Liliana Póvoas¹

César Lopes¹

P. Dantas^{1,2}

E. Malafaia^{1,3}

B. Ribeiro¹

J. Reis¹

F.J.A.S. Barriga^{1,3}

A.M. Galopim de Carvalho^{1,3}

Há 30 anos, o Museu Nacional de História Natural - actualmente Museu Nacional de História Natural e da Ciência - da Universidade de Lisboa iniciou um processo de comunicação em torno da temática Dinossáurios por se tratar de uma ferramenta estratégica para divulgação em Ciências da Terra, devido ao interesse que desperta em diferentes públicos.

Este assunto constitui, assim, um ponto de partida privilegiado para explorar diversos aspectos da história da Terra e da Vida: tempo geológico; extinções em massa, causas e consequências; mudança climática global; evolução; paleobiodiversidade; paleobiogeografia; processos de fossilização; a Terra como um sistema, mas um sistema frágil. E, com base nestes tópicos, também podemos abordar o lugar da humanidade no Universo e o nosso papel nas transformações do sistema Terra.

Os meios para o estabelecimento desta relação com os públicos têm sido vários. Desde actividades para grupos escolares, acções de formação para professores e outros públicos, bem como conferências e até processos de promoção e preservação de património “in-situ” e, claro, exposições. Algumas delas constituíram grandes sucessos o que nos sugeriu a necessidade de as avaliar, procurando compreender quem são os nossos públicos, quais são os seus interesses e como vão evoluindo ao longo do tempo. Por esta via, muitas vezes, decidimos qual a iniciativa seguinte. E, assim, a relação do Museu com os seus públicos foi-se tornando mais efectiva.

Esta relação continuada mostrou-nos que a divulgação científica é mais consequente se comunicarmos não só o conhecimento científico “já pronto” (por vezes apresentado com um carácter definitivo), mas também a metodologia e os processos de aquisição de conhecimento.

Assim surgiu a exposição em título. Nela se aborda o historial da investigação dirigida por uma equipa do Museu inerente à descoberta inesperada de *Allosaurus fragilis*, em Portugal até aí considerado exclusivamente norte-americano. Através de um diorama, fósseis, imagens, réplicas e aplicações interactivas, convidamos os visitantes a percorrer todo o processo de investigação contado em três momentos da exposição.

Como outras exposições e actividades do Museu, também esta foi objecto de um estudo de avaliação. No entanto, desta vez, mais do que procurar saber que públicos a visitam, procurámos indagar se as mensagens fundamentais emitidas foram efectivamente recebidas: os visitantes mudaram as suas representações sobre o modo como a investigação científica é feita? e sobre a evolução da Vida e da Terra?

Palavras-chave: Museu; públicos; dinossáurios; método científico; estudos de avaliação.

¹ Museu Nacional de História Natural e da Ciência, Universidade de Lisboa.

² Museu da Comunidade Concelhia da Batalha.

³ Departamento de Geologia e Instituto Dom Luiz, Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa.



7. Abril | 11:45 – 12:00

Sessão “Museus: da investigação à educação”

Reflexões sobre museus municipais: estudos de caso em Macedo de Cavaleiros.

Carlos Mendes¹

Elsa Luís^{1,2}

Nos últimos dois anos foram criados e inaugurados dois museus municipais em Macedo de Cavaleiros pela Associação Terras Quentes, associação de defesa do património arqueológico deste concelho, com a colaboração da Câmara Municipal: o Museu Municipal de Arqueologia Coronel Albino Pereira Lopo e o Museu Martim Gonçalves de Macedo.

No primeiro caso, pretende-se dar a conhecer o resultado de cerca de 15 anos de investigação arqueológica no concelho de Macedo de Cavaleiros, não só apresentando os vestígios materiais das ocupações humanas deste território desde o Neolítico à Idade Média, mas também procurando integrar e divulgar problemáticas da investigação científica tornando-as acessíveis a um público não especializado.

Já o Museu Martim Gonçalves de Macedo pretende recriar um dos momentos mais emblemáticos da história de Portugal, a batalha de Aljubarrota, retratando o papel de destaque que teve um dos seus intervenientes, Martim Gonçalves de Macedo, originário do território de Macedo de Cavaleiros, servindo como mote para uma ingressão nas questões políticas, militares e sociais dos finais da Idade Média em Portugal.

Pretende-se, nesta comunicação, reflectir sobre o processo de construção e manutenção destes espaços museológicos, reforçando o seu papel enquanto mediadores culturais entre a investigação e o público, aliado ao seu potencial no desenvolvimento regional sobretudo como polo de atracção turística e o seu contributo para a educação da comunidade local. Por outro lado, será necessário considerar as várias dificuldades de todo o processo, desde o acesso aos financiamentos nas várias fases do projecto mas sobretudo para a manutenção e dinamização; a

articulação com os poderes locais e o relativo distanciamento do público local, procurando construir pontes de diálogo para soluções futuras de sustentável desenvolvimento cultural.

Palavras-chave: Museus Municipais; Divulgação Patrimonial; Desenvolvimento Regional; Macedo de Cavaleiros.

¹ Associação Terras Quentes.

² Uniarq, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.



7. Abril | 12:00 – 12:15

Sessão “Museus: da investigação à educação”

**Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto:
um novo olhar sobre as coleções e as suas oportunidades
científicas e educativas.**

Simão Mateus^{1,2,3}

Pedro Almeida¹

Francisco Álvares^{1,4}

Maria João Fonseca^{1,4}

Rita Gaspar^{1,4,6}

Helena Gonçalves^{1,4}

José Manuel Grosso-Silva^{1,4}

Ricardo Jorge Lopes^{1,4}

Andreia Magalhães^{1,7}

Elsa Oliveira¹

Joana Tinoco⁵

Cristiana Vieira^{1,4}

O Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP) foi estabelecido formalmente no final de 2015 como resultado da fusão de núcleos museológicos existentes. Actualmente, encontra-se organizado segundo uma estrutura bipolar que integra um polo central, localizado nas instalações do Edifício Histórico da Reitoria da Universidade do Porto e outro que inclui a Galeria da Biodiversidade, na Casa Andresen, e o Jardim Botânico do Porto.

O MHNC-UP alberga um importante património museológico histórico em áreas diversificadas, tais como geologia, paleontologia, zoologia, botânica (incluindo o Herbário da Universidade do Porto – PO), etnobotânica, arqueologia, etnografia, antropologia física, numismática, instrumentação científica associada às pedagogias da física, da matemática e da química e, ainda, um vasto acervo documental constituído por cartas marítimas, fotografias, filmes e manuscritos. Entre os espécimes mais relevantes incluem-se tipos nomenclaturais de vários taxa e exemplares de espécies já extintas, de Portugal e das ex-colónias, recolhidos na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX. O Jardim Botânico alberga coleções vivas representativas das floras autóctone e exótica, destacando-se a coleção de camélias, rododendros, azáleas, catos e gimnospérmicas. Às coleções de história natural associam-se as de arqueologia, etnografia e antropologia física representando um valioso repositório da atividade e cultura humana em territórios nacional e estrangeiro. Destas coleções salientam-se os conjuntos de indústria lítica e esqueletos humanos resultantes de intervenções arqueológicas nos concheiros mesolíticos de Muge, a coleção egípcia e as peças de arte etnográfica africana.

O MHNC-UP encontra-se agora em profundo processo de reestruturação e ampliação, estando o projeto de conceptualização a ser desenvolvido em articulação com a Agência Ciência Viva. Simultaneamente, o projeto apresenta uma orientação que favorece o cruzamento entre arte e ciência, incorporando na sua missão a expansão e integração de projetos artísticos. Este projeto pretende cruzar décadas de história com modernas e inovadoras filosofias museológicas, recorrendo a avançadas soluções museográficas e tecnológicas. Um dos objetivos do MHNC-UP é tornar-se, num futuro próximo, uma referência museológica, sobretudo pelo papel sócio-cultural que pretende desempenhar a nível regional, nacional e internacional.

Nesta comunicação será apresentada uma caracterização sumária das coleções do MHNC-UP, destacando-se algumas personalidades que desempenharam um papel crucial na sua história. Além disso, com base numa seleção das atividades mais icónicas e representativas recentemente desenvolvidas no MHNC-UP, será realçada a importância das coleções na preservação, promoção e divulgação do conhecimento associado a este vasto património da Universidade do Porto.

Palavras-chave: Património museológico; Museu Universitário, História Natural, Antropologia, Ciência.

¹ Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP).

² Museu da Lourinhã (ML).

³ Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (DCTP-FLUP).

⁴ Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto (CIBIO/InBIO).

⁵ Jardim Botânico do Porto, Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP).

⁶ Universidade de Santiago de Compostela.

⁷ Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.



7. Abril | 12:15 – 12:30

Sessão “Museus: da investigação à educação”

Museologia arqueológica participativa e comunicação educativa em Museus de Arqueologia: Educação Patrimonial e Património Arqueológico.

Mário Antas*

Na presente comunicação pretendemos analisar a comunicação educativa como factor de (re)valorização do património arqueológico através de exemplos de boas práticas em museus de arqueologia portugueses.

Apresentamos um novo modelo de estudo, que denominados de museologia arqueológica participativa, baseado na sociomuseologia e nos princípios da musealização da arqueologia e da transversalidade do Património arqueológico.

A museologia arqueológica participativa visa a construção de estratégias de comunicação e de ambientes de aprendizagem expressas em acções comunicativas e educativas no sentido de tornar os visitantes participativos, através da mediação, da museografia e dos recursos museográficos. Assim, o objectivo final passa por tornar o museu num centro de aprendizagem e participativo onde os visitantes possam fazer os seus próprios caminhos de aprendizagem e de produção de conhecimento. Elaboramos uma análise reflexiva sobre história dos Museus de Arqueologia.

Analizamos a evolução de conceitos e tipologias dos museus de arqueologia. Identificamos vários tipos de espaços museológicos de arqueologia e procedemos ao seu recenseamento até 2013. A nível das estratégias de comunicação educativa, efetuamos uma investigação comparativa

entre as estratégias de comunicação educativa presenciais e a distância utilizadas nos museus de arqueologia.

Por último, identificámos e procedemos a uma análise comparativa de boas práticas de comunicação educativa em museus arqueológicos portugueses. Assim, para além da mais-valia dessas boas práticas, apontamos o caminho para que as mesmas se articulem em rede. Só assim, as boas práticas podem passar da excepção a regra e contribuir de uma forma assertiva para a (re) valorização do património arqueológico envolvendo os visitantes e respectivas comunidades, ou seja, devolvendo o património participado como memória coletiva à própria sociedade.

Palavras-chave: comunicação educativa; património arqueológico; museus de arqueologia; aprendizagem; museu participativo.

* Museu Nacional de Arqueologia | ICOM Portugal | ICOM CECA | Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.



7. Abril | 12:30 – 12:45

Sessão “Museus: da investigação à educação”

O projecto de investigação “Preexistências de Setúbal” e a afirmação do MAEDS na cidade.

Carlos Tavares da Silva¹

Joaquina Soares^{1,2}

Antónia Coelho-Soares¹

Susana Duarte¹

Com a fundação do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, em 28 de Dezembro de 1974, o subsolo do centro histórico de Setúbal passa a ser objecto de sistemática intervenção arqueológica no decurso de obras de renovação urbana. Em Setúbal, por iniciativa do MAEDS, realizar-se-ia o primeiro Encontro Nacional de Arqueologia Urbana, 1985.

A imagem que vigorara até aí, de uma cidade “sem passado, seria nas décadas seguintes completamente alterada. Sob a urbe actual, outras cidades floresceram e declinaram, como a aglomeração sidérica ou a cidade romana de Cetóbriga. A paisagem física também sofreu apreciáveis mudanças.

Desde a primeira escavação realizada pelo MAEDS em 1979 na Travessa de Frei Gaspar, até à mais recente, realizada na Av. Luísa Todi, em 2016 as questões da origem, da vocação económica e social, da dinâmica urbana, das catástrofes naturais, como o sismo de 1755, foram inquiridas pela arqueologia urbana desenvolvida pelo Centro de Estudos Arqueológicos do museu graças ao trabalho de uma equipa permanente em que participaram arqueólogos, geólogos, arqueozoólogos, bioantropólogos, ilustradores, técnicos de conservação.

A informação obtida não se limitou a ser comunicada à comunidade científica; foi devolvida à comunidade local através de conferências, visitas guiadas, exposições. Em tempo útil, a actividade museológica de conservação e divulgação operou a transferência dos conhecimentos produzidos para os públicos da cidade. O MAEDS foi apropriado pela população e passou a fazer parte das suas referências identitárias. Na passagem das sucessivas governações autárquicas, umas mais favoráveis outras menos, o museu impôs-se através de um “contrato social” directo com a comunidade de pertença.

Como exemplo de uma destas intervenções de arqueologia urbana, procede-se a um breve apontamento sobre o projecto de investigação levado a efeito no lote da Casa dos Mosaicos Romanos.

Palavras-chave: Setúbal; centro histórico; arqueologia urbana; museus de arqueologia; mosaicos romanos.

¹ Centro de Estudos Arqueológicos – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal | Associação de Municípios da Região de Setúbal.

² Uniarq, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.



7. Abril | 12:45 – 13:00

Sessão “Museus: da investigação à educação”

Castro de Chibanes: Investigação, educação e patrimonialização.

Joaquina Soares^{1,2}

Carlos Tavares da Silva¹

Susana Duarte¹

Teresa Pereira^{1,2}

Será apresentada uma breve síntese do projecto de investigação que o Centro de Estudos Arqueológicos do MAEDS tem vindo a realizar no Castro de Chibanes, colocando-se em evidência as três fortificações que no Calcolítico, na Idade do Ferro e no período Romano-Republicano se sucederam em troço dominante da Serra do Louro, com visibilidade panorâmica estendida até ao Tejo, Sado e costa ocidental. Chibanes, com enormes potencialidades científicas e patrimoniais, constitui-se actualmente como uma importante “antena” da museologia regional operacionalizada pelo MAEDS.

Palavras-chave: Chibanes; Calcolítico; II Idade do Ferro; Romano-Republicano; Fortificações.

¹ Centro de Estudos Arqueológicos – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal | Associação de Municípios da Região de Setúbal.

² Uniarq, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

8. Abril | Sessão “Museus: espaços de cidadania”

Coordenação de João Neto (APOM)



8.Abril | 09:30 – 09:45

Sessão “Museus: espaços de cidadania”

Os Museus e a promoção da cidadania.

António Nabais*

O museu é criado para dar resposta às necessidades do cidadão, prestando-lhe serviços. Só assim se pode conceber um museu/unidade museológica, uma vez que a função social é inerente à instituição museológica.

Para servir os públicos é necessário criar museus que cumpram todas as suas funções como estão bem explicitas na definição do ICOM: *“Os museus são instituições de carácter permanente abertas ao público, sem fins lucrativos, criadas para o interesse geral da comunidade e do seu desenvolvimento, que reúnem, adquirem, ordenam, conservam, estudam, divulgam e expõem para fins de investigação, educação, fruição e promoção científica e cultural, conjuntos e coleções de bens móveis de valor cultural que constituem testemunhos da atividade do homem e do seu meio ambiente.”*

O museu é o espaço onde se toma contacto direto com o objeto autêntico, expressão de uma vida real: social, técnica, científica, artística, económica, religiosa, histórica e contemporânea. Espaço de afetos e saberes que exige o envolvimento da comunidade (representantes da comunidade local ou os autores ou utilizadores das obras ou coleções incorporadas), criando uma relação de vizinhança e de proximidade. Lugar onde as pessoas se sintam bem e o procurem não só para descoberta de conhecimentos, mas também para fruição. Um museu é o reflexo da comunidade que lhe dá vida e desenvolvimento. O museu como instituição de cultura, dedicada a múltiplas atividades, deve evoluir com a sociedade a que pertence para melhor satisfazer as suas necessidades, através de um serviço adequado às realidades contemporâneas. Muitos museus abriram as portas, mas não funcionam, não avançam: pararam, às vezes, logo no início da abertura (inauguração). Já, em 1948, João Couto, diretor do Museu Nacional de Arte Antiga, afirmava: *“O museu que, no campo das suas múltiplas actividades, se não se integra nas necessidades culturais de uma época - e a nossa é de prementes e complexas exigências - é uma instituição incompleta quanto ao objectivo social, ao interesse colectivo”*.

Ainda hoje se colocam as seguintes questões: Museus, porquê? Museus, para quê? Como vamos descobrir o museu? O que vamos procurar ao museu?

É necessário criar ou renovar os museus como prestadores de serviço público. O museu para prestar um serviço adequado à comunidade necessita de profissionais de museologia com formação adequada para a execução das múltiplas atividades que lhe são exigidas para prestar um serviço público que corresponda às necessidades dos cidadãos.

O projeto de um museu compreende o passado, o presente e constrói o futuro.

Palavras chave: museu; cidadão; comunidade; profissionais; serviço público.

*ICOM



8. Abril | 09:45 – 10:00

Sessão “Museus: espaços de cidadania”

**O Museu Local e a Comunidade: interação e partilha de poder.
Reflexões em torno de uma experiência.**

Florbel Estêvão*

Eugénia Correia

O Museu do Vinho e da Vinha de Bucelas foi inaugurado em 2013. Está integrado na rede de museus municipais de Loures e encontra-se vocacionado para a história local e a temática vitivinícola. O museu apresenta duas áreas expositivas, um espaço de longa duração que faz uma apresentação genérica da região e da zona demarcada do vinho da casta arinto; e, um outro espaço de exposição anual que complementa e enriquece o museu diversificando os temas e as interações entre a instituição e as pessoas que habitam no seu território.

No seu segundo ano de existência, este museu lançou um desafio à comunidade local para participar num projeto-piloto relativo à organização de um programa museológico que visava a concretização de uma exposição temporária e um plano de dinamização da mesma. Foi constituída uma equipa que integrou técnicos do município e pessoas que aderiram ao desafio, a título individual ou como representantes de outras instituições locais, nomeadamente do movimento associativo. Esta equipa coordenou todo o processo, desde a escolha do tema, à investigação sumária e seleção dos objetos, plano expositivo e programa de dinamização. Esta exposição esteve patente, de outubro de 2014 a setembro de 2015, com o título, *Festa do Vinho e das Vindimas: 30 anos de história*.

O processo potenciou um conhecimento mútuo entre os vários elementos da equipa, e foi uma experiência que “obrigou” a um exercício de partilha do “poder” que qualquer instituição museal possui. Por parte da equipa municipal, este projeto-piloto procurou iniciar um processo que tem como propósito promover uma participação mais ativa das comunidades, ou das pessoas que residem na zona de influencia do museu. Também teve como pressuposto inicial criar o embrião de um processo de patrimonialização, onde todos os interessados pudessem contribuir, numa relação transversal e onde o conhecimento fosse uma construção comum e as responsabilidades sobre as questões patrimoniais fossem igualmente uma construção coletiva.

As dificuldades, os sucessos, a metodologia seguida, o balanço crítico e principalmente a visão de continuidade que pretendemos desenvolver a partir desta experiência de escala local é a partilha que nos propomos trazer a este fórum.

Palavras-chave: Museu, Cidadania, Memória, Património, Participação.

* Instituto de História Contemporânea.



8. Abril | 10:00 – 10:15

Sessão “Museus: espaços de cidadania”

Museus inclusivos: deficiência, acessibilidades e transformação social.

Patrícia Martins*

Esta proposta de comunicação tem como objetivo analisar o modo como os museus em Portugal podem desenvolver atividades de interação comunicativa para as pessoas com deficiência, como também procura refletir sobre o modo como podem alargar a sua função social. Para tal, fundamenta-se no modelo social da deficiência, considerando que são as barreiras ambientais que incapacitam e impendem a participação das pessoas com deficiência na sociedade. Como, também, na atual definição de Museu proposta pelo ICOM (2007), considerando que os museus são instituições ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento.

Efetivamente, um pouco por toda o mundo, são diversos os museus que têm programado atividades educativas e disponibilizado equipamentos de interação comunicativa acessível com o objetivo de alcançar as pessoas com deficiência, como oficinas de práticas criativas, dispositivos tácteis, áudio-guias em língua gestual ou em áudio-descrição, entre outros recursos. Ainda, assim, são poucos os museus, no território nacional, que incluem na sua programação as pessoas com deficiência de forma regular e sistémica, com também, são poucas as pessoas com deficiência que se sentem motivadas a visitar museus.

Neste sentido, quais serão os maiores desafios dos museus no seu relacionamento com as pessoas com deficiência? Que papel podem ter os museus no maior envolvimento do público com deficiência? Como é que a deficiência física, sensorial ou intelectual pode afetar a experiência de uma visita a um museu? São as barreiras culturais que impedem esse envolvimento ou são as questões de acesso comunicativo e de recursos disponíveis?

Esta comunicação procura esclarecer estas questões contando com testemunhos de pessoas com deficiência que participaram em projetos educativos e de investigação em museus. Será reforçado o contributo das instituições culturais no reconhecimento social das pessoas com deficiência que, através da criação de espaços de participação inclusiva, podem ter um papel significativo na mudança de atitudes da sociedade em relação à deficiência.

Palavras-chave: acessibilidades; deficiência; educação; inclusão.

*CITCEM | Faculdade de Letras da Universidade do Porto.



8. Abril | 10:15 – 10:30

Sessão “Museus: espaços de cidadania”

Pensar a identidade: do museu à escola como experiência do tangível.

Ricardo Guerreiro Campos*

Na presente comunicação acompanhar-se-á uma proposta de reflexão em torno do conceito de identidade no percurso de uma turma do Ensino Científico-Humanístico de Artes Visuais (11ºano) em visita ao Museu Coleção Berardo. A visita orientada focou as obras de Larry Bell, Ana Mendieta e Helena Almeida presentes no núcleo de arte contemporânea da coleção, incidindo na análise dos conceitos de fragmentação do corpo no espaço, do corpo como vestígio e de performatividade. O desenho e concepção da visita seguiram as premissas estabelecidas tendo em vista o desenvolvimento do projeto na disciplina de Desenho A, com o objetivo de explorar as potencialidades expressivas da arte contemporânea enquanto prática estruturante da identidade individual e coletiva. Pretende-se, desta forma, compreender de que modo o contacto com as práticas artísticas contemporâneas e o diálogo entre referências visuais no espaço museológico podem ser encarados como meios de estimulação da criatividade e do pensamento visual e, por conseguinte, da construção da identidade artística de jovens.

No entanto, se por constrangimentos vários, esta turma só se pôde dirigir uma vez ao museu, de que forma persiste no conseqüente trabalho em sala de aula, a memória das obras abordadas na visita? Como pode o espaço museológico continuar presente na escola e proporcionar uma reflexão sobre a obra de arte e os seus contextos? Segundo Mihaly Csikszentmihalyi, o processo criativo progride numa interação entre um domínio – regras e procedimentos de uma cultura, um campo de especialidade – a sociedade que reconhece e valida, e o indivíduo – autor do processo criativo; e é neste âmbito que a complementaridade do contexto, aliada à experiência individual e à motivação, propiciam a prática criativa. Sabemos, pois, que o contexto de maior vivência e influência para estes jovens é a escola: espaço de valores, de liberdade condicionada, de transgressão e afirmação, onde a criatividade parece não ter lugar. Desta forma, propõe-se a “devolução” da experiência vivida no museu, consolidada pelo processo criativo em aula, à comunidade educativa. O museu surgirá em esquinas, recantos, vãos e janelas, num diálogo entre o processo de reflexão da identidade e o carácter *site-specific* das intervenções, confrontando os restantes alunos, professores e auxiliares com um novo espaço escolar, um novo museu talvez, mais próximo das suas realidades: imprevisível, mutável e provocador.

Palavras-chave: Arte Contemporânea; Identidade; Espaço Museológico; Educação Estética e Artística

* Escola Superior de Educação de Lisboa.



8. Abril | 10:30 – 10:45

Sessão “Museus: espaços de cidadania”

Os Museus como espaços de sociabilidade: práticas do Museu de Mértola.

Lígia Rafael¹

Maria de Fátima Palma²

Os museus são locais que potenciam a troca de ideias e promovem a aprendizagem social e cultural pelo que, o contato entre os indivíduos e os objetos ou os espaços é um processo privilegiado de troca e desenvolvimento de experiências enriquecedoras e transformadoras. A missão do Museu de Mértola está diretamente relacionada com a preservação e valorização patrimonial, sempre aliada ao território e às suas gentes pelo que, nos últimos anos, a equipa do Museu e do Campo Arqueológico de Mértola (CAM) têm vindo a desenvolver esforços no sentido de aproximar as pessoas dos núcleos museológicos e de lhes incutir um sentimento de pertença e apropriação do seu património.

De facto, temos vindo a constatar que a comunidade local não conhece e não se identifica com o trabalho de investigação e musealização que se tem vindo a desenvolver em Mértola ao longo dos anos. Entendendo que os museus não são espaços fechados, destinados somente a guardar memórias, pelo contrário, são locais onde se promove a vivência e a partilha, a equipa do Museu/CAM tem vindo a refletir sobre o assunto e tem desenvolvido ações que visam promover a aproximação e o contato com a população local.

As atividades e ações desenvolvidas destinam-se principalmente a crianças e jovens e visam sensibilizar e incutir interesse pelo Património que é seu, de forma a serem estes os principais elos de ligação intergeracional. O trabalho desenvolvido passa pela realização de visitas orientadas e adaptadas às especificidades e interesses dos intervenientes, atividades relacionadas com as atividades do museu como a arqueologia, a conservação e restauro, o desenho ou a história local e ações de formação direcionadas para funcionários e colaboradores, de forma a dotá-los de competências e aptidões que permitam a sua especialização e o aumento da qualidade do serviço prestado.

Esta comunicação pretende apresentar algumas das ações desenvolvidas, explicitando as temáticas abordadas e as metodologias utilizadas, sempre com o objetivo de sensibilizar e educar para as questões patrimoniais numa perspetiva de interação com o meio e com os indivíduos.

Palavras-chave: património; educação; sensibilização.

¹ Câmara Municipal de Mértola.

² Campo Arqueológico de Mértola.



8. Abril | 10:45 – 11:00

Sessão "Museus: espaços de cidadania"

Cidade educadora: O que é e qual sua relação com o museu.

Cristina Carvalho¹

Clarisse Cancela²

O intuito deste trabalho é refletir sobre a questão do não "fechamento" do museu em torno de si próprio, colocando-o como parte da cidade em que se encontra e permitindo assim um diálogo mais estreito com a comunidade, bem como maior apropriação desses espaços, pois como alerta Lopes (2000), para estudar as práticas culturais da população é necessário contextualizá-la no espaço e tempo.

Frequentemente questionamos qual é o papel dos museus na sociedade contemporânea, mas não fazemos a mesma pergunta em relação às cidades, e, menos ainda, conhecemos o conceito de cidade-educadora, o qual Almada e outras 60 cidades portuguesas fazem parte.

O conceito de "cidade educadora" foi apresentado em 1972 pela UNESCO e, reelaborado em Barcelona em 1990 e conta com vinte (20) princípios que buscam, de acordo com Vieira e Aquino (2015), regularizar a relação entre educação e urbanidade e, para atingir esta finalidade, segundo a Carta das Cidades Educadoras (2004), é necessário que as mesmas se ocupem principalmente dos jovens e das crianças.

A cidade educadora, assim como os museus e as escolas possuem o potencial e a intenção de educar. Porém tais espaços promulgam uma educação no sentido não formal, diferentemente do que a escola propõe: uma educação formal. Segundo Trilla (2008), o "não formal" pode ser a instituição, metodologia ou agente, entre outros.

O autor também traz diversos contextos da educação não formal, como o âmbito do lazer e da cultura e da educação social. Ambos podem ser realizados tanto nos espaços da cidade quanto nos museus, já que oferecem inúmeras possibilidades educativas.

Ao analisar o artigo 2º da Lei 11904 que institui o Estatuto de museus, conhecemos os principais fundamentos do espaço museal e, ao fazer uma comparação com a missão das cidades educadoras, encontramos diversas semelhanças, corroborando na percepção de que esses espaços são complementares e que, em parceria, só tendem a garantir à população que exerça seu direito de ser cidadão de forma mais equânime, além de possibilitar o entendimento do quanto esses espaços são de todo.

Referências bibliográficas

LOPES, João Teixeira. A cidade e a cultura. Um estudo sobre as práticas culturais urbanas. Porto: Afrontamento. 391 páginas, 2000.

CARTA DAS CIDADES EDUCADORAS. 2004. Gênova. Disponível em: <http://comunidadesdeaprendizagem.org.br/Cartadascidadeseducadoras.pdf>. Acesso em fevereiro/2017.

TRILLA, Jaume et al (org). Educação formal e não formal: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2008.

VIEIRA, Elisa. AQUINO, Julio Groppa. Sobre a pedagogização da experiência urbana: o projeto da cidade educadora. On the pedagogization of the urban experience: The educating city project. Educação Unisinos 19(3):313-324, setembro/dezembro 2015 - Unisinos - doi: 10.4013/edu.2015.193.02.

Palavras-chave: cidade educadora; educação não formal; museu.

¹ PUC-Rio/ GEPEMCI.

² UNIRIO | PUC-Rio/ GEPEMCI

Conferência de encerramento



8. Abril | 11:15 – 12:15

Conferência de encerramento

Developing applied research and its teaching to obtain the best exhibitions contents.

Colette Dufresne-Tassé*

Resumo

Twenty years ago, soon after I became the head of the Maîtrise en muséologie at the Université de Montréal, I was convinced that any professional should know how to do the research necessary to produce interventions that are rigorous, of the highest quality, but also the research needed to evaluate them and modify them if necessary. Of course, that meant applied research, i.e. a type of investigation that takes into account the particular characteristics that make a professional intervention unique, and the multiple constraints to which it is submitted.

Unfortunately, there was not and even now, there is no handbook about applied research in museology. So the principles, the rules and the whole process of realization of this type of research had to be developed. This was done by borrowing and adapting what was proposed in professional domains like social work, education, medicine or architecture, and if necessary, by creating new principles and ways of working.

The proposed oral presentation shall deal with the principles, rules and ways of realizing one of the most frequent work done in a museum: developing the scientific content of an exhibition and preparing its scenario.

N.B. What is proposed about preparing the content of an exhibition could be used *grosso modo* for preparing the content of an educational or cultural program.

Keywords: applied research; museum exhibition; scientific content

* Universidade de Montréal (Canadá).

Conferência pós-Congresso



8. Abril | 15:30 – 16:30
Conferência pós-congresso
Duas museografias para a Arqueologia.

Joan Santacana*

Hay existen dos tradiciones museográficas en el mundo; se analiza el origen de estas dos tradiciones y se hace un viaje por algunos de los conjuntos arqueológicos emblemáticos de cada una de las dos tradiciones. A partir de este análisis se plantea el debate en torno a estas dos corrientes ideológicas y científicas sin olvidar la problemática que plantea la arqueología virtual como herramienta de investigación y didáctica.

*Universidade de Barcelona

POSTERS



P1
Posters
Visitas ao Campo. A Educação Paleontológica no Museu da Lourinhã.

Simão Mateus¹²³
João Muchagata¹

Abordamos o conceito e as vantagens de visitas ao campo no âmbito da Geologia e Paleontologia como forma privilegiada de aquisição de conhecimentos através da visualização direta, *in situ*, de conceitos importantes na percepção de eventos geológicos. As visitas são direcionadas, especialmente, para alunos do sétimo e décimo ano cujo programa escolar explora conceitos da Geologia e das ciências da terra. Refere-se o importante papel de laboratórios visitáveis, parte integrante da visita das escolas no Museu da Lourinhã, como forma de sensibilização do património paleontológico e formação profissional.

Palavras-chave: Visitas escolares; Museus; Geologia; Paleontologia; Saídas de campo.

¹ Museu da Lourinhã (ML).

² Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP).

³ Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (DCTP-FLUP).



P2

Posters

O primeiro Museu de Música Mecânica em Portugal, abriu em Palmela.

Luís Canguero¹
Andreia Martins²

«Os homens são feitos da mesma matéria que são feitos os sonhos». Foi citando Brecht, que o colecionador Luís Canguero deu início ao seu discurso de inauguração do Museu da Música Mecânica (MMM). Um sonho que durou 15 anos e que se concretizou no dia 4 de outubro de 2016 com a abertura daquele que é o primeiro Museu de Música Mecânica em Portugal. Localizado em Arraiados, freguesia de Pinhal Novo, a arquitetura do edifício evoca uma caixa de música gigante que desperta a curiosidade, atrai e convida, no seu interior, à descoberta do passado através de uma coleção com mais de 600 instrumentos de música mecânica, que se balizam entre finais do séc. XVIII e os anos 30 do séc. XX.

A inauguração foi distinguida pela presença do Senhor Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, que teceu largos elogios ao novo bem cultural: «Este museu é ao mesmo tempo musical, tecnológico e sentimental. Ao vermos e ouvirmos caixas de música, relógios musicais, autómatos, pianos mecânicos, fonógrafos, gramofones, grafonolas, estamos desde logo em contacto com objetos de arte (...). E distinguiu o Museu da Música Mecânica face aos seus congéneres: «Ao passo que na maioria dos museus observamos em silêncio, o silêncio de muitas peças exibidas, num museu como este os objetos falam-nos (...)». No MMM todas as peças expostas estão em pleno funcionamento, restauradas, aptas a tocar.

O museu integra diferentes valências funcionais – área expositiva, sala documental, auditório com 70 lugares, sala polivalente, loja e cafetaria.

Pretendemos no poster salientar os seguintes pontos:

- Da coleção ao museu (1987-2016) – Trabalho prévio, ao longo de 29 anos. Aquisição e agregação de uma coleção privada. Perfil e motivações do colecionador. Desenvolvimento de 10 exposições antes da abertura do museu (recetividade do público à coleção/agregação dos Amigos da Música Mecânica); Investigação – edição dos dois livros sobre a coleção, site para divulgação do projeto, desenvolvimento de material de merchandising e parcerias;
- Singularidade da Coleção - temática única em Portugal, que alberga todas as tipologias de música mecânica. Todas as peças estão restauradas e aptas a tocar;
- Museu privado – Acolhimento familiar; descentralização (museu inserido numa quinta em meio rural com centro hípico), sustentabilidade e parcerias;
- Experiência no museu – Sistema áudio - botões interativos para audição da música gravada (visitas livres) / Audição das peças ao vivo (visitas guiadas).
- Novas experiências e revisitas ao Museu – cada visita é única (rotatividade de peças da coleção e músicas), dinâmicas de eventos (concertos, exposições, oficinas, festas de aniversário, conferências, entre outras).
- Divulgação e redes sociais.

Palavras-Chave: Museu da Música Mecânica, Museu privado, Colecionador, Sistema Áudio; Descentralização e Sustentabilidade.

¹ Colecionador e Diretor do Museu da Música Mecânica.

² Coordenadora de Comunicação do Museu da Música Mecânica.



P3

Posters

Origens da Coleção Paleontológica do Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto.

Simão Mateus*

O Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP) é o herdeiro dos Museus da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, nomeadamente o Museu de História Natural, o Museu de Botânica e o Museu da Ciência. O Museu tem estado fechado desde 2015 para uma remodelação de fundo com uma nova equipa de curadores e museólogos.

As coleções do MHNC-UP incluem peças de geologia, paleontologia, zoologia, botânica, incluindo o herbário e o jardim botânico, arqueologia, etnografia, instrumentos científicos, entre outros. Desde 2015 um trabalho de atualização do inventário, acondicionamento, armazenamento e organização geral da coleção tem estado a ser levada a cabo pela equipa de curadores que incluem um paleontólogo, um entomólogo, uma arqueóloga, uma botânica, entre outros especialistas.

A coleção paleontológica tem estado a ser reavaliada, com todo o inventário a ser revisto com os espécimes a serem identificados, etiquetados e acondicionados. Durante o processo de inventariação a informação associada ao fóssil, como a proveniência, o coletor, a idade, e outras informações úteis, tem estado a ser adicionadas e condensadas numa base de dados digital.

O património paleontológico do MHNC-UP tem estado a ser valorizado pelo crescente conhecimento da coleção e trabalho de investigadores externos. Uma investigação sobre trilobites do Devónico identificou trilobites anteriormente figuradas como novas espécies, e uma outra investigação tem incorporado novos espécimes, incluindo holótipos de plantas.

São mencionadas figuras como Wenceslau Lima (1858-1919), Carrington da Costa (1891-1982) ou Carlos Teixeira (1910-1982) que foram cruciais para as coleções do museu, fazendo incorporações substanciais, enriquecendo o património paleontológico Português.

Além do acervo significativo proveniente de Valongo, outra grande origem da coleção paleontológica é a aquisição à casa Krantz nos primeiros anos do século XX.

A equipa de curadores tem vindo a trabalhar no intuito de abertura das coleções para investigação a fim de, aquando a abertura do museu ao público, esta ter uma exposição mais rica e atrativa. Considera-se uma coleção museológica universitária como um património da universidade e da sociedade onde se insere. Deve estar disponível para investigação, aulas, estudantes, público em geral, sendo sempre revisitada por novos investigadores para melhor conhecimento do mundo à nossa volta.

Palavras-chave: Fósseis; Património paleontológico; Gestão de coleções; Museu de História Natural e da Ciência do Porto.

* Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP) | Museu da Lourinhã (ML), | Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (DCTP-FLUP).



P4

Posters

Back to the future. Um museu de 1911 no século XXI.

Rita Gaspar*

Fundado em 1911 por António Mendes Corrêa (1888-1960) o Laboratório e Museu de Antropologia (associado posteriormente ao Instituto de Antropologia) da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP) constituiu uma importante estrutura para o desenvolvimento do conhecimento arqueológico e antropológico em Portugal ao longo do séc. XX. O museu universitário foi alvo de diversas alterações, tendo sido fundamental para a formação de vários investigadores, salientando apenas alguns como Serpa Pinto e Santos Júnior. Além do apoio à formação assumiu um papel fundamental no desenvolvimento das disciplinas que tutelava. A importante rede de investigadores estabelecida à época abrangia várias instituições nacionais e europeias e foi fundamental para a construção e divulgação do conhecimento científico nas áreas da Arqueologia, Antropologia e Etnografia. O Instituto albergou, inclusive, vários projetos de investigação com problemáticas bem estabelecidas. Salientam-se os estudos realizados a partir das coleções dos concheiros de Muge, os estudos de arte rupestre de Santos Júnior bem como as suas importantes recolhas etnográficas, de onde se destacam os vídeos da Dança dos Pretos de Torre de Moncorvo.

No final de 2015 foi criado o Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP) aglutinando as várias coleções temáticas da FCUP e integrando uma nova equipa técnica. Nesta nova fase da vida da instituição as coleções de Arqueologia, Etnografia e Antropologia do antigo Instituto de Antropologia partilham o espaço e as estratégias de gestão e de museologia com as coleções de História Natural e de Ciências exatas, procurando-se uma abordagem multidisciplinar.

O MHNC-UP retomou a sua política de incorporações, salientando-se a integração do importante e vasto espólio arqueológico orgânico (arqueobotânica, zooarqueologia e antropologia física) recuperado pelas intervenções de salvaguarda realizadas no Baixo Sabor (2010-2015). Ainda que com as áreas expositivas encerradas devido à renovação em curso, vive-se nesta fase uma nova abertura ao público académico e investigadores com a colaboração em estágios curriculares, teses de mestrado e doutoramento, projetos de investigação nacionais e internacionais.

As coleções de Arqueologia e Etnografia encontram-se neste momento em fase de revisão e retificação de inventário e condições de acondicionamento preparando a sua disponibilização em pleno à comunidade de especialistas. Paralelamente iniciam-se dinâmicas que permitem novas abordagens, como sejam estudos de ADN antigo, seguindo os mais atuais enquadramentos conceptuais e técnicos na investigação. Serão ainda apresentados alguns exemplos de ações pedagógicas e de divulgação desenvolvidos com base nas referidas coleções.

Palavras-chave: Arqueologia; Etnografia; Antropologia; Arquivo documental.

* Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP) | Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto (CIBIO/InBIO) | Universidade de Santiago de Compostela.



P5

Posters

Refletir sobre as práticas de avaliação em mediação cultural: O caso do Museu Casa do Infante.

Ana Catarina Pereira*

Através da avaliação, o museu procura conhecer os impactos provocados nos seus visitantes e, em maior escala, na comunidade que o rodeia. Avaliar é, portanto, essencial para um museu que tem por missão ser uma instituição democrática, autorreflexiva, elemento integrante do espaço público. Como avaliar as práticas de mediação cultural tendo em conta os interesses de um museu e da sua comunidade escolar? Foi no sentido de dar resposta a esta e a outras questões, que se arquitetou um percurso de investigação intitulado: “Avaliação das práticas de mediação cultural: o caso do Museu Casa do Infante” .

A investigação foi desenvolvida no âmbito do mestrado em História e Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e aprofundou aspetos da colaboração entre o museu Casa do Infante e duas turmas de diferentes escolas da cidade do Porto. Através da constituição do estado da arte relativo ao objeto de estudo e da elaboração de várias questões exploratórias, analisam-se os pontos de encontro entre os interesses dos envolvidos – professores, mediadores e estudantes - tendo como principal objetivo avaliar as práticas de mediação cultural do museu.

Atendendo que a linha de investigação adotada assumiu um processo de pesquisa naturalista, procurou-se intervir no contexto de análise com o objetivo de interpretar e de criar espaços de reflexão e de provocação. Como tal, optou-se pela aplicação de instrumentos metodológicos que pudessem fornecer uma maior amplitude de dados, como é o caso dos de natureza qualitativa. A abordagem metodológica desta investigação assentou não só na utilização de instrumentos qualitativos como entrevistas, matrizes de observação e grupos focais mas também, embora com menor expressividade e de natureza quantitativa, em questionários.

A metodologia adotada permitiu conhecer o perfil dos profissionais implicados no serviço educativo do museu em questão, isto é, as conceções acerca do seu próprio contexto profissional e as práticas levadas a cabo com a comunidade escolar, possibilitando, deste modo, ultrapassar a problemática identificada. Neste poster é apresentada uma breve reflexão sobre o percurso da investigação e o seu alcance, incidindo sobretudo nas limitações e potencialidades da avaliação realizada e sobre o seu contributo para a criação de espaços de reflexão e de provocação, no âmbito museológico.

Palavras-chave: Casa do Infante; museu; avaliação; mediação cultural.

* Société Archéologique de Namur (Bélgica).



P6

Posters

Um Museu Para o Futuro. Do Património para o eu. Agrupamento de Escolas José Saramago.

Sandra Santos*

A um tempo, o património pessoal, o da comunidade local e o Nacional – espaço externo e interno, cruzam-se, permitindo alargar acessibilidades e enriquecer a nossa proposta de desenvolvimento de competências socioemocionais.

O património é o ponto de partida para reforçar a ideia de uma educação artística como parte integrante da formação completa dos alunos integrados no projeto. Motivamos a aproximação e a relação da escola com o património através da educação artística e da promoção do conhecimento científico.

Uma equipa Multidisciplinar desenvolveu um trabalho de evidente diferenciação e consistência. Tendo por base a dialética existente entre a identidade de pertença a uma comunidade e a um país, o património do eu é retratado numa produção artística, estão a nu os primeiros tesouros de “Um Museu Para o Futuro.

* Agrupamento Escolas José Saramago.



P7

Posters

Experiências educativas em espaço museológico: O caso do Museu dos CFM.

**Elsa Dimene Foquição¹
Abel Ramiro²**

O Museu dos CFM, foi inaugurado em 8 de Julho de 2015 em Maputo – Moçambique. Possui um acervo valioso sobre a história dos Portos e Caminhos de Ferro de Moçambique.

O principal meio que o Museu utiliza são as imagens, textos, tecnologia audiovisual, como linguagem expográfica de forma lúdica e criativa para dar a conhecer esse manancial tendo sempre o património histórico e cultural como contexto. As práticas educativas no espaço do Museu dos CFM contam com a criação de um serviço educativo que funciona na mediação entre o público e o Museu de forma a garantir uma comunicação efectiva entre os objectos expostos e público.

Ao partilhar as experiências educativas que são desenvolvidas no Museu dos CFM, pretendemos colher subsídios e outras experiências que nos permitam realizar melhor a nossa actividade e a partir daí captar mais públicos. O nosso desafio reside criação de programas que cativem vários públicos com especial enfoque nas escolas. Pois, entendemos que a educação é fundamental no processo de desenvolvimento das pessoas e pode ser explorada em diversos espaços. A educação em ambientes descontraídos como nos museus proporciona as crianças o desenvolvimento de novos conhecimentos através de actividades dirigidas que facilitam interações estimulantes.

¹ Responsável do Serviço Educativo - Museu dos CFM (Maputo-Mocambique) | elsa.dimene@cfm.co.mz

² Produtor - Museu dos CFM (Maputo-Mocambique) | abel.ramiro@cfm.co.mc



P8

Posters

O papel da conservação e restauro nos museus portugueses.

Ana Isabel Guerin¹

Ana Bailão¹²

Elsa Pinho¹

No âmbito da investigação sobre “O *crowdfunding* e a conservação e restauro” foi realizado o levantamento e a análise sobre as carências das instituições museológicas portuguesas quanto à conservação e restauro das suas coleções. O principal objetivo foi compreender as atuais necessidades que os museus apresentam ao nível da conservação e restauro dos seus acervos. Para a aquisição de dados, definiu-se um questionário simples e reduzido de forma a atingir o objetivo proposto. O inquérito, intitulado “O papel da conservação e restauro nos museus portugueses”, consistiu em sete perguntas de resposta direta com escolha múltipla. Foi enviado, sob a forma de formulário online, através da aplicação *Google® Forms*, para 88 museus, distribuídos por Portugal continental e ilhas. Para obter o maior número de respostas, o envio foi executado 3 vezes com intervalos de tempo de 2 semanas. Os dados obtidos foram recolhidos pela aplicação *Google® Forms* de forma automática, que possibilita analisar as informações, em tempo real, através de gráficos. Os dados também foram estudados através do programa Excel®.

A taxa de resposta ao inquérito foi de 61,36%, através de um total de 55 respostas de museus com diferentes tutelas, sendo que o maior grupo, 38,9%, são organismos públicos tutelados pela administração local. Quando questionados sobre a existência de conservadores-restauradores nos quadros dos museus, 70,9% afirmam não deter nenhum profissional da área nos seus quadros. Contudo, quando abordados sobre a importância da existência de um conservador-restaurador no museu, 74,4% afirmam que seria necessário pelo menos um conservador-restaurador para o bom funcionamento da instituição. Quanto à realização de intervenções de conservação e restauro externas, 43,4% recorre a este tipo de serviço menos de uma vez ao ano, revelando, como principal causa, a falta de verbas com 75,5% das respostas. No que concerne às necessidades dos acervos, 31,5% dos inquiridos dizem ter mais de 100 intervenções de conservação e restauro a realizar nos próximos 5 anos.

Com este estudo torna-se clara a necessidade existente e crescente da falta de conservadores-restauradores nos quadros técnicos dos museus portugueses, bem como a falta de verbas para adjudicar intervenções a empresas externas. Estes dados divulgam assim, a precariedade da conservação dos acervos, revelando um agravamento desta condição caso não haja nenhuma alteração nas políticas culturais.

Palavras-chave: Conservação e restauro; Conservador-restaurador; Museus.

¹ Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL/ CIEBA).

² Instituto Politécnico de Tomar.



P9

Posters

Documentação digital no estudo de coleções: pinturas de Adriano de Sousa Lopes (Período Académico) da Faculdade de Belas Artes de Lisboa.

Liliana Cardeira^{1,3}

Frederico Henriques²

Ana Bailão^{1,2}

António Candeias³

Alexandre Gonçalves⁴

Eduarda Vieira²

Fernando António Batista Pereira¹

No âmbito de uma investigação de doutoramento dedicada a um conjunto pinturas de Adriano de Sousa Lopes, pertencentes ao espólio da FBAUL, reuniram-se resultados laboratoriais com vista ao estudo técnico do acervo. Após a recolha de dados, um dos objetivos do trabalho foi o de criar um sistema de informação para a consulta e visualização dos fenómenos presentes nas superfícies pictóricas.

O sistema de informação foi concebido em SIG (sistema de informação geográfica). Para tal, à semelhança do que se faz, por exemplo, nos campos arqueológicos, usou-se o SIG para mapear a superfície das pinturas. Utilizou-se um programa informático gratuito e open-source, o QGIS®. Do ponto de vista metodológico efetuaram-se as seguintes etapas: mapeamentos 2D (edição vetorial); análises espaciais quantitativas e qualitativas das superfícies pictóricas; e construção de uma base de dados no SIG, na forma de tabela de atributos, com os resultados obtidos com os exames laboratoriais.

Como resultado final obtiveram vários mapas das superfícies que possibilitaram uma melhor leitura e interpretação dos dados pictóricos. Importa realçar que através deste método conseguiu-se calcular a percentagem de lacunas por obra e aferir de modo mais cirúrgico o estado de degradação das diversas pinturas. Concluiu-se que com o SIG, neste caso com o QGIS®, pode-se ter uma perceção espacial das obras de arte com elevado detalhe, sendo uma mais-valia, para evidenciar, de forma sistemática e transversal, as características e os fenómenos das peças em análise. Estas possibilidades capacitam o método como umas das opções mais viáveis para documentação 2D de superfícies pictóricas. Em fase posterior ao projeto de investigação, pode-se, inclusive, em contexto museológico, fazer uso dos resultados numa vertente pedagógica.

Palavras-chave: Documentação; Sistemas de Informação Geográfica (SIG); Coleções; QGIS®.

¹ Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa/ Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA); Largo da Academia Nacional de Belas Artes, 1249-058, Lisboa. E-mail: lilianacardeira@gmail.com; fernandoabpereira@gmail.com.

² Universidade Católica Portuguesa/ Escola das Artes/ Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR); Rua Diogo Botelho, 1327, 4169-055, Porto, Portugal; E-mail: frederico.painting.conservator@gmail.com; ana.bailao@gmail.com; evieira@porto.ucp.pt

³ Universidade de Évora / Laboratório HERCULES; Palácio do Vimioso; Largo Marquês de Marialva, 8, 7000-809 Évora; E-mail: candeias@uevora.pt

⁴ Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa / CERIS; Av. Rovisco Pais, 1, 1049-001 Lisboa; E-mail: alexandre.goncalves@tecnico.ulisboa.pt



P10

Posters

Inventário 3d de uma coleção arqueológica do museu de Arte Sacra e Arqueologia (MASA) do Porto.

Frederico Henriques^{1,3}

Joana Salgueiro²

António Candeias³

Alexandre Gonçalves⁴

Eduarda Vieira¹

O presente resumo alude a um projeto efetuado no âmbito de um programa de pós-doutoramento, dedicado às novas tecnologias de Documentação Digital em Bens Culturais. O trabalho decorreu no contexto das atividades da Unidade de Investigação do CITAR, da Escola das Artes, da Universidade Católica Portuguesa (UCP) e do Laboratório HERCULES, da Universidade de Évora (UÉ). O projeto desenrolou-se no Museu de Arte Sacra e Arqueologia (MASA), do Seminário Maior de Nossa Senhora da Conceição, no Porto. Teve como objetivo fazer a digitalização 3D da coleção arqueológica em exposição, criada por D. Domingos de Pinho Brandão. A coleção é constituída por peças da pré-história, da proto-história, do período de romanização, do quotidiano romano, práticas funerárias romanas e de uma secção de epigrafias. No poster é descrita a metodologia do processo, modelação 3D por fotogrametria e pós processamento de modelos por meio de operações de computação gráfica. Em suma, são apresentados alguns dos resultados do projeto da digitalização sistemática que se fez em cerca de 170 objetos. Parte dos resultados obtidos já se podem observar num repositório virtual on-line (*Sketchfab*).

Palavras-chave: Documentação; Inventário virtual; Modelação 3D; Fotogrametria; Arqueologia.

¹ Universidade Católica Portuguesa/ Escola das Artes/ Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR); Rua Diogo Botelho, 1327, 4169-055, Porto, Portugal; E-mail: frederico.painting.conservator@gmail.com; evieira@porto.ucp.pt

² Museu de Arte Sacra e Arqueologia / Seminário Maior de Nossa Senhora da Conceição no Porto; Largo Dr. Pedro Vitorino, n.º 2, 4050-468 Porto E-mail: joana_salgueiro@portugalmail.pt

³ Universidade de Évora / Laboratório HERCULES; Palácio do Vimioso; Largo Marquês de Marialva, 8, 7000-809 Évora; E-mail: candeias@uevora.pt

⁴ Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa / CERIS; Av. Rovisco Pais, 1, 1049-001 Lisboa; E-mail: alexandre.goncalves@tecnico.ulisboa.pt



P11

Posters

A Coleção Azulejar do Mosteiro de Odivelas.

Anabela Querido Cardeira*

Alice Nogueira Alves*

No âmbito de uma investigação de doutoramento em belas-artes, pretende-se estudar e inventar os distintos painéis azulejares presentes no Mosteiro de Odivelas e tentar identificar as suas proveniências, aprofundando questões relacionadas com a «migração» de elementos patrimoniais entre edifícios, muito comum nos séculos XIX e XX.

O Mosteiro de Odivelas ou Mosteiro de S. Dinis, foi mandado erguer pelo rei D. Dinis, sendo alvo de diversas modificações ao longo dos séculos. Com o terramoto de 1755 o edifício ficou bastante ruído, sendo a sua posterior reconstrução bastante lenta. Mais tarde, o Mosteiro foi fechado pelas entidades tutelares após a extinção das ordens religiosas. Em 1900, o Infante D. Afonso de Bragança adquiriu o edifício com o intuito de ali albergar as filhas órfãs de militares e estabelecer um Colégio – atual Instituto de Odivelas. No meio de todas as transformações que o edifício sofreu ao longo dos séculos, nunca foi feito um inventário dos bens azulejares. Por essa razão, o objetivo da investigação de Doutoramento é estudar e identificar todos os painéis existentes para, posteriormente, procedermos ao seu inventário, conforme já foi referido.

O edifício contempla azulejos de padrão, figurativos e ornamentais de diversas proveniências e séculos, alguns dispostos em composições incongruentes. Neste conjunto, também é possível reconhecer restauros antigos e detetar azulejos que não foram concebidos para o espaço onde estão integrados atualmente. Utilizando uma metodologia de trabalho semelhante à da Dissertação de Mestrado, pretende-se estudar a coleção azulejar existente em Odivelas interligando essa informação com outras instituições que passaram pelo o mesmo tipo de transformações e adaptações.

Palavras-chave: Coleção, migração, proveniências, identificação, Mosteiro de Odivelas.

*Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa/ Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA); Largo da Academia Nacional de Belas Artes, 1249-058, Lisboa. E-mail: aqc_238@gmail.com; alicenalves@gmail.com

Organização | Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) / Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS) | Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS) | Divisão de Museus e História Local (Câmara Municipal de Almada) | ICOM-Portugal e Associação Portuguesa de Museologia (APOM).

Comissão Organizadora | Joaquina Soares | Mário Antas | Luís Pequito | Miguel Feio | João Neto

Comissão Científica |

Ana Carvalho (Universidade de Évora)
Alice Semedo (Faculdade de Letras da Universidade do Porto)
António Carvalho (Museu Nacional de Arqueologia e UNIARQ)
António Nabais (APOM)
António Camões Gouveia (FCSH da Universidade Nova de Lisboa)
António Martinho Baptista (Museu do Côa Parque)
Carlos Tavares da Silva (MAEDS / AMRS e UNIARQ)
Joana Monteiro (Museu de Lisboa / C.M.Lisboa)
João Neto (APOM / Museu da Farmácia)
Joaquina Soares (MAEDS / AMRS e UNIARQ)
José Alberto Ribeiro (ICOM-Portugal e Museu-Palácio da Ajuda)
Luís Pequito (DMHL / CMA e IHC / CEHFCI da Universidade de Évora)
Luís Raposo (ICOM Europa)
Mário Antas (ICOM-CECA Europa)
Mário Moutinho (Universidade Lusófona)
Rui Parreira (Direcção Regional de Cultura do Algarve)
Vítor Serrão (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Comissão Executiva |

Ana Férias (MAEDS / AMRS)
Antónia Coelho-Soares (MAEDS / AMRS)
António Camarão (Espaço Memória / C.M.Barreiro)
Clara Santos (C.M.Moita)
Fátima Afonso (Ecomuseu do Seixal / C.M.Seixal)
Fátima Contramestre (C.M.Montijo)
Fernanda do Vale (C.M.Santiago do Cacém)
Joana Esteves (DMHL / C.M.Almada)
João Ventura (Museu Municipal de Sesimbra/ C.M.Sesimbra)
José Matias (C.M.Santiago do Cacém)
Luís Barros (DMHL / C.M.Almada)
Lurdes Lopes (C.M.Barreiro)
Michelle Santos (Museu Municipal de Palmela/ C.M.Almada)
Miguel Correia (Museu Municipal Alcochete / C.M.Alcochete)
Paula Covas (MAEDS / AMRS)
Susana Duarte (MAEDS / AMRS)
Teresa Rita Pereira (MAEDS / AMRS)

Participantes |

Nome	Afiliação institucional	E-mail
Abel Ramiro	Museu dos Portos e Caminhos de Ferro de Moçambique	abel.ramiro@cfm.co.mz
Adalgisa Martins	Câmara Municipal do Barreiro - Espaço Memória	adalgisa.martins@cm-barreiro.pt
Adriana Costa Sales	Instituto Piaget	adrianacostasales@hotmail.com
Alice Semedo	Faculdade de Letras da Universidade do Porto	semedo.alice@gmail.com
Ana Carina Paiva Poço Dias	Museu Coleção Berardo	dias.anacarina@gmail.com
Ana Carvalho	Universidade de Évora	ana.alexandra.carvalho@gmail.com
Ana Catarina Nunes Pires	Instituto Piaget - Almada	anacatarinapires3@hotmail.com
Ana Catarina Saltão Olaio	–	anaolaio@gmail.com
Ana Catarina Vieira Pereira	Société Archéologique de Namur	anacatarinavpereira@outlook.pt
Ana Cristina Curado Deodato	Instituto Piaget - Almada	crisdeodato123@gmail.com
Ana Filipa Gameiro Duarte Pinto	Escola Superior de Educação Jean Piaget	filipa_gameiroduarte@hotmail.com
Ana Isabel de Sousa Martins Guerin	–	asmguerin@gmail.com
Ana Isabel Vieira Apolinário	Câmara Municipal do Seixal - Ecomuseu Municipal do Seixal	ana.apolinario@cm-seixal.pt
Ana Isabel Vieira Braga	Centro de Arqueologia de Almada	anavbraga@gmail.com
Ana Lúcia Almeida	Museu de Angra do Heroísmo	a_lucia_almeida@hotmail.com
Ana Luísa de Campos Lopes Clemente Quinta	DGPC	aquinta@dgpc.pt
Ana Margarida Airoso David	–	margarida.david@gmail.com
Ana Margarida Gomes Vicêncio	UIDEF - Instituto de Educação da Universidade de Lisboa	amvicencio@net.sapo.pt
Ana Margarida Matos Pereira	Mestrado em Comunicação de Ciência FCSH-UNL	a.margaridapereira6@gmail.com
Ana Maria Neves	Museu Nacional do Teatro e da Dança	ana.leitao.neves@gmail.com
Ana Maria Rei de Oliveira Correia	Mestrado em Comunicação de Ciência FCSH-UNL	anabranco1@gmail.com
Ana Patrícia Paiva Barrigas	Faculdade de Letras da Universidade do Porto	anapatricia.paiva@hotmail.com
Ana Paula Apolónia Estevam Martins	Instituto Piaget - Almada	ana.p.a.martins@hotmail.com
Ana Paula Covas	CEA-MAEDs/ AMRS	–
Ana Paula Leal Serafim	CML/RSB/CCS/MUS	paula.serafim@cm-lisboa.pt
Ana Raquel dos Santos Lourenço	Instituto Piaget	analourenco21@hotmail.com
Ana Rita Fernandes Ferreira	Instituto Piaget	anaritaferreira95@gmail.com
Ana Rita Peixoto Quintais Mota de Almeida	Faculdade de Letras da Universidade do Porto	anaaritaa_03@hotmail.com
Anabela Querido Cardeira	Faculdade de Belas Artes Da Universidade de Lisboa	aqc_238@hotmail.com
Anabela Teixeira	MUHNAC - Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa	ateixeira@museus.ulisboa.pt
Andreia dos Santos Diogo	Faculdade de Letras da Universidade do Porto	andreia.net5@hotmail.com
Andreia Filipa Alinho Pinto Ribeiro	–	aribeiro87@gmail.com

Andreia Filipa Arménio Dias	Educação - Escolas e outras Instituições, Museu Gulbenkian	afdias@gulbenkian.pt
Andreia Filipa Correia Pinto Conceição	Câmara Municipal de Sesimbra - Sector Cultura e Museus	andrea.conceicao@cm-sesimbra.pt
Andreia Filipa Gomes Martins	Coordenadora de Comunicação no Museu da Música Mecânica	museudamusicamecanica@gmail.com
Ângela Sofia Branco Ribeiro	–	marionetka@gmail.com
Antónia Coelho-Soares	MAEDS/AMRS	antonia.c.soares@gmail.com
António Amaral	Academia de Cultura e Solidariedade Ramiro Freitas	antonioamaral@academiaramirofreitas.org
António Camarão	Câmara Municipal do Barreiro	antonio.camarao@cm-barreiro.pt
António Carvalho	Museu Nacional de Arqueologia, Uniarq	antoniocarvalho@mnaarqueologia.dgpc.pt
António João Pinto Pires	APAI Ass. Port. Património Industrial	ajpintopires@gmail.com
António Joaquim Pereira Sequeira	Câmara Municipal de Portalegre	antonio.sequeira@cm-portalegre.pt
António Maia Nabais	–	antonioaianabais@gmail.com
António Manuel Félix Baptista Neves	Instituto Português da Qualidade	aneves@ipq.pt
António Matos	Câmara Municipal de Almada	
António Paulo Castanheira dos Santos	CLEPUL/UL	apcastanheira@sapo.pt
Ariadne Trindade	ISCTE	adnetrin@hotmail.com
Brígida Isabel Gonçalves Ribeiros	–	brigida_ribeiros@hotmail.com
Bruno Filipe Correia Bastardo da Silva Ribeiro	Museu da Presidência da República - Palácio da Cidadela de Cascais	bribeiro@presidencia.pt
Carla Manuela de Almeida Costa	Câmara Municipal do Seixal - Ecomuseu Municipal do Seixal	carla.almeida.costa@cm-seixal.pt
Carlos Alberto Santos Mendes	Associação Terras Quentes	administracao@terrasquentes.com.pt
Carlos Tavares da Silva	MAEDS/AMRS	ctavaressilva@gmail.com
Carolina Barbosa Guerreiro	Instituto Piaget	carolina.guerreiro19@gmail.com
Catarina Joana Rosas Moreira	ERT Têxtil Portugal S.A.	catarinajoanarosasmoreira@gmail.com
Catarina Sofia Clementino de Almeida	Escola Superior de Educação Jean Piaget	catarinalmeida_97@hotmail.com
Célia Maria Gonçalves Soares	Município de Santiago do Cacém	dgrh@cm-santiagocacem.pt
César Lino Lopes	–	cllopes@fc.ul.pt
Clara Santos	Câmara Municipal da Moita	csantos@mail.cm-moita.pt
Clarisse Cancela	Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio)/ Faculdade de Letras da Universidade do Porto	clahcancela@gmail.com
Cláudia Alexandra Marques Tentugal Dos Santos	Instituto Piaget - Almada	claudiatentugal.s@gmail.com
Colette Dufresne-Tassé	Universidade de Montréal, Canadá	colette.dufresne.tasse@umontreal.ca
Corália Maria Mariano de Almeida Sargaço Loureiro	–	coralia.loureiro@gmail.com
Cristina Carvalho	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio	cristinacarvalho@puc-rio.br
Cristina Conceição	Câmara Municipal de Sesimbra - Sector Cultura e Museus	cristina-conceicao@cm-sesimbra.pt
Cristina da Conceição Morgado Borges	Câmara Municipal do Seixal - Ecomuseu Municipal do Seixal	mborges.cr@gmail.com
Daniela Domingos Bernardo	–	bernardo_daniela@hotmail.com
Eduardo Manuel Pinto Cunha	Câmara Municipal Sesimbra	eduardompilha@gmail.com

Elisabete da Glória Dias da Silva Gonçalves	Centro de Arqueologia de Almada	elisabetegloria@gmail.com
Elisabete Fernandes de Almeida Malafaia	Museu Nacional de História Natural da Universidade de Lisboa, Departamento de Geologia e Instituto Dom Luiz da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa	emalafaia@gmail.com
Elsa Cristina Lopes Gonçalves	–	elsalopesgoncalves@gmail.com
Elsa Dimene	Museu dos Portos e Caminhos de Ferro de Moçambique	elsa.dimene@cfm.co.mz
Elsa Maria Afonso Martins Guerreiro	Câmara Municipal de Alcochete	emguerreiro@cm-alcochete.pt
Elsa Verónica Penas Luís	Associação Terras Quentes / Uniarq	elsavluis@gmail.com
Estela Mariana Marques da Costa	–	estelacosta91.ec@gmail.com
Eugénia de Jesus Pereira Correia	–	eugeniajpcorreia@hotmail.com
Eurídice Rosa Sousa Santos	Museu da Cidade	euridicess@hotmail.com
Fábio Alexandre Campos Vicente	AMRS	geral.saopaulo@amrs.pt
Fátima Contramestre	Câmara Municipal de Montijo	fcontramestre@mun-montijo.pt
Fátima Mourinho	AMRS	
Fernanda do Vale	Município de Santiago do Cacém	dgrh@cm-santiagocacem.pt
Fernanda Maria Reis de Sousa	Município de Porto de Mós	arquivo@municipio-portodemos.pt
Fernando Manuel Carvalho da Motta	Câmara Municipal do Barreiro - Espaço Memória	fernandomcmotta@gmail.com
Filipa Isabel de Almeida Pereira Correia Teixeira de Matos	–	filipateixeira27@hotmail.com
Florbela Maria Beco Estêvão	Instituto História Contemporânea	florestevao7@gmail.com
Francisca Rodrigues da Silva Lourenço	–	fransilou@gmail.com
Francisca Sampaio	–	franciscagouveiasampaio@gmail.com
Frederico Henriques	Universidade Católica Portuguesa/ CITAR	frederico.painting.conservator@gmail.com
Georgina Maria Augusta Benrós de Melo	CPLP	georginademello@gmail.com
Gil Manuel Antunes Figueiredo Costa	–	dtgilcosta@gmail.com
Guilhermina Silva	Câmara Municipal de Almada/Departamento e Cultura/Divisão de Museus e História Local	jvalente@cma.m-almada.pt
Inês Rebelo Costa	Faculdade de Letras da Universidade do Porto	inesrcosta6@hotmail.com
Inês Rodrigues Santos	Escola Superior de Educação Jean Piaget	inees_santhos@hotmail.com
Inês Sofia Raposo Almeida	Instituto Piaget- Almada	ines.almeida93@gmail.com
Isabel Carla Cortês Mateus Folgosa Barata	Associação dos Amigos dos Castelos	educativo@amigosdoscastelos.org.pt
Isabel Cristina de Almeida Xavier Palaio	Escola Superior de Educação Jean Piaget	isabelpalaio19@gmail.com
Isabel Ramalho	Câmara Municipal do Barreiro	isabelramalho2@hotmail.com
Jaqueline Pimenta Jurado Rodrigues	–	jaqueline.rodrigues@cm-seixal.pt
Joana Alexandra da Costa Queiroga	Instituto Piaget	joanaqueirog@gmail.com
Joana Hortas	–	joanabhorts@gmail.com
Joana Reis Correia Leite	Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa	jleite@museus.ul.pt
Joana Seixas Cartaxo Esteves	Museu Naval-Olho de Boi	jesteves@cma.m-almada.pt
João Alberto Ramos Nunes	Câmara Municipal de Loures	joao.ramos.nunes2010@gmail.com

João Luís Matos de Paiva Remondes Ferreira	Toyno Design Studio	joaoremondes@toyno.com
João Muchagata Madeira Duarte	Museu da Lourinhã	joamucha@gmail.com
João Neto	APOM/ Museu da Farmácia	Joao.Netto@anf.pt
João Pedro Alves Silva	Escola Superior de Educação Jean Piaget	joaoopedro@hotmail.com
João Pedro Lopes Almeida	EGEAC - Castelo S.Jorge	joaoalmeida@egeac.pt
João Valente	Câmara Municipal de Almada/Departamento e Cultura/Divisão de Museus e História Local	jvalente@cma.m-almada.pt
João Ventura	Câmara Municipal de Sesimbra	joao.ventura@cm-sesimbra.pt
Joaquim António de Oliveira Soares	Museu da Assembleia da República	Joaquim.Soares@ar.parlamento.pt
Joaquim Judas	Câmara Municipal de Almada	
Joaquina Soares	MAEDS/AMRS	joaquinasoares1@gmail.com
José Alberto Ribeiro	ICOM-Portugal/ Museu-Palácio Nacional da Ajuda	diretor@pnajuda.dgpc.pt
José António de Freitas Campos	FCSH-UNL	jfreitascampos@gmail.com
José Augusto da Costa Picas do Vale	IHC - Instituto de História Contemporânea. FCSH/UNL	valedoutoramento@gmail.com
José Filipe Teles de Matos	–	jfilipematos@gmail.com
José Jacinto da Silva Matias	Município de Santiago do Cacém	dgrh@cm-santiagocacem.pt
José Manuel Brandão	Instituto de História Contemporânea, FCSH/NOVA	josembrandao@gmail.com
José Manuel Maia	Assembleia Municipal de Almada	
José Manuel Rodrigues Rocha	–	j.rochaifb@gmail.com
Judite Primo	Universidade Lusófona de Lisboa	–
Juliana Maria de Siqueira	Museu da Imagem e do Som de Campinas, Doutoranda na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias	ju.de.siqueira@gmail.com
Leila Pine da Cunha	Universidade do Porto	leilapine@gmail.com
Lígia Isabel da Silva Rafael	Câmara Municipal de Mértola	ligiarafael@cm-mertola.pt
Lília Neto Basílio	Município de Viseu - Rede Municipal de Museus - Coleção Arqueológica José Coelho	lilia.basilio@cmviseu.pt
Liliana Isabel Gonçalves Póvoas	Museu Nacional de História Natural e da Ciência (UL)	lpovoas@museus.ul.pt
Liliana Querido Cardeira	Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa	lilianacardeira@gmail.com
Luís António Canguero	Museu da Música Mecânica	luisanguero@gmail.com
Luís Barros	Câmara Municipal de Almada - Divisão de Museus e História Local	barrosrat@gmail.com
Luís Martins Pisco	Divisão Municipal de Museus e Património Cultural - CM Porto	luispisco@cm-porto.pt
Luís Pequito	DMHL / CMA e IHC / CEHFCI da Universidade de Évora	lpequito@cma.m-almada.pt
Lurdes Lopes	Câmara Municipal do Barreiro	lurdes.lopes@cm-barreiro.pt
Lyubov Sobkiv	Escola Superior de Educação Jean Piaget Instituto Piaget	sobkiv.lu@gmail.com
Madalena Isabel Sampaio Santos Meireles	Câmara Municipal de Portalegre	madalena.meireles@cm-portalegre.pt
Mafalda Raquel Veríssimo Lino Damas Claro	Escola Secundária Bocage	mafaldaraquel7@gmail.com

Manoela Nascimento Souza	Universidade Lusófona de Humanidades eTecnologias	manoela-sz@hotmail.com
Margarida Portela	IHC-FCSH/NOVA	margaridapereira2003@gmail.com
Maria Beatriz da Conceição Roque Bochechas	Câmara Municipal de Portalegre	maria.bochechas@cm-portalegre.pt
Maria Carolina Patrone Cotrim Pinto Mendonça	Instituto Piaget - Almada	carolina.patrone.mendonca@gmail.com
Maria da Luz Martins Pereira Luís	Município de Santiago do Cacém	dgrh@cm-santiagocacem.pt
Maria da Luz Nolasco Cardoso	Museu de Aveiro	nolascoluzm@gmail.com
Maria de Fátima Claudino	Centro de História d'Aquem e d'Além -Mar (CHAM) - FCSH/UNL	mfatimaclaudino@gmail.com
Maria de Fátima de Carvalho Afonso	Câmara Municipal do Seixal - Ecomuseu Municipal do Seixal	fatima.afonso@cm-seixal.pt
Maria de Fátima Palma	Campo Arqueológico de Mértola	tuchapalma@hotmail.com
Maria de Fátima Rufino Cândido Mendão	Câmara Municipal de Almada - Divisão de Museus e História Local	fmendao@hotmail.com
Maria Francisca da Câmara Ribeiro	Câmara Municipal de Setúbal / Museu de Setúbal Convento de Jesus	mariafcribeiro@gmail.com
Maria Isabel Lopes Monteiro	–	e-bim@sapo.pt
Maria João Cândido	Museu de Setúbal/Convento de Jesus, Câmara Municipal de Setúbal	mjbfcandido@gmail.com
Maria José Maças Pires	Câmara Municipal de Portalegre	mj.pires@cm-portalegre.pt
Maria José Marino Marcela Coelho	FBAUL/CIEBA	mjcoelho.conservacaoerestaur@gmail.com
Maria José Parreira Rodrigues Marques da Silva	Museu da Marioneta	mariajoserodrigues@egeac.pt
Maria Leonor da Silva Borges	–	blogoesfera007@gmail.com
Maria Luísa Ferreira Machado	Município de Porto de Mós	luisa.machado@municipio-portodemos.pt
Maria Luísa Vargas Costa	Câmara Municipal da Vidigueira - Museu Municipal	mluisavcosta@gmail.com
Maria Madalena Guedes de Campos Gonçalves da Silva	Câmara Municipal do Seixal - Ecomuseu Municipal do Seixal	madalena.campos@cm-seixal.pt
Maria Manuel de Almeida Caldeira	Câmara Municipal de Loures - Museu de Cerâmica de Sacavém	mane.caldeira@gmail.com
Maria Manuela Margarido de Deus	Direção Regional de Cultura do Alentejo	manueladeus@gmail.com
Maria Orquídea Borges-Bispo	Instituto Politécnico de Coimbra	orquideaborges@sapo.pt
Maria Rita Ladeira Azeitona Sequeira	Câmara Municipal de Portalegre	maria.azeitona@cm-portalegre.pt
Marina Maria Pires Vala	Município de Porto de Mós	marina.vala@municipio-portodemos.pt
Mário Moutinho	Universidade Lusófona de Lisboa	mcmoutin@gmail.com
Mário Nuno do Bento Antas	Museu Nacional de Arqueologia, ICOM Portugal, ICOM CECA, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias	marioantas@gmail.com
Marta Alexandra Narciso Miguel	Instituto Piaget - Almada	matrixm1995@hotmail.com
Marta Sofia Couto Ribeiro	Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas	msofiarib@hotmail.com
Michelle Santos	Câmara Municipal de Palmela - Museu Municipal de Palmela	michatsantos@gmail.com
Miguel Ferreira Feio	Escola Superior de Educação Jean Piaget (Almada) e Externato Frei Luís de Sousa	mffeio@hotmail.com
Miguel Filipe Correia	Câmara Municipal / Museu Municipal de Alcochete	museu.municipal@cm-alcochete.pt
Mónica Sanches Ramos Correia	Escola Superior de Educação Jean Piaget	monicasanchesramos@gmail.com

Natércia Maria Fernandes Soares	Escola Secundária Avelar Brotero (Professora Aposentada)	naterciasoares@gmail.com
Patrícia Alexandra Festas Marinho	–	patriciaafmarinho@gmail.com
Patrícia Isabel de Sousa Roque Martins	CITCEM / Faculdade de Letras da Universidade do Porto	patricia.roque.martins@gmail.com
Patrícia Isabel Mendes Correia	Instituto Piaget - Almada	patriciacorreia88@gmail.com
Patrícia Sofia Rabasqueira Mira	Instituto Piaget - Almada	psmira@gmail.com
Paulo Jorge Castelo	Câmara Municipal do Barreiro	castelo.paulo@gmail.com
Pedro Alexandre Fortes da Silva	–	pedrofortessilva@gmail.com
Pedro de Carvalho Esteves	Reformado	pedrosteve@gmail.com
Pedro Gonçalo Dias Henriques	–	pedro_henriques@portugalmail.pt
Pedro Manuel de Carvalho Estragadinho	Historicalia / Passado Vivo	pedromce@gmail.com
Pedro Manuel Ferreira Lopes Dantas	–	pedromdantas@gmail.com
Pedro Pereira Leite	Centro de Estudos Sociais	pedropereiraileite@ces.uc.pt
Pilar Miguel	DGRSP	psfmiguel@hotmail.com
Raquel Garrão Cunha	–	raquelgarraocunha@gmail.com
Raquel Maria de Melo Luís Eleutério	Coordenação serviço ao visitantes MAAT	raquel.eleuterio@edp.pt
Raquel Sousa Ventura Silva	–	rqlventura@gmail.com
Ricardo José Farias Guerreiro Campos	Escola Superior de Educação de Lisboa	ricardoguerreirocampos@gmail.com
Rita Isabel Antunes Santos Neves Gaspar	Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto	rgaspar@mhnc.up.pt
Rosa de Jesus Braga das Rosas Teles de Matos	ACDPrint	rosabragarosas@gmail.com
Rui António Perdigão Covelo	–	r.covelo@gmail.com
Rui Garcia	AMRS	
Rute Isabel dos Santos Roldão da Silva Regula	Câmara Municipal Palmela	ruteregula@gmail.com
Sandra da Conceição Barnabé Costa	–	correiodasandracosta@gmail.com
Sandra Isabel Marques Abreu Silva	Câmara Municipal de Palmela - Museu Municipal de Palmela (Serviço Educativo)	sasilva@cm-palmela.pt
Sandra Rodrigues dos Santos	Agrupamento Escolas José Saramago Gulbenkian-CAM	sandra.santos.psi@gmail.com
Sérgio Manuel Peleja Rosa	Câmara Municipal de Almada	sergio_rosa2000@yahoo.com.br
Simão Gustavo Madeira Mateus	Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto, Museu da Lourinhã, Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto	simaomateus@rocketmail.com
Sónia Francisco	Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea. Câmara Municipal de Almada	casadacerca@cma.m-almada.pt
Sónia Maria Braga de Campos Moreira Alves	Câmara Municipal de Portalegre	sonia.alves@cm-portalegre.pt
Stella Guerra Nunes	Museu da Marioneta	stellanunes@egeac.pt
Susana Nunes Duarte	MAEDS/AMRS	susananunesduarte@yahoo.com
Teresa Homem de Melo de Moura Pereira	–	teresahmmp@gmail.com
Teresa Rita Mateus Pereira	MAEDS/AMRS	teresa.rita.pereira@gmail.com

Teresa Sampaio	Câmara Municipal de Palmela	sampayoteresa@gmail.com
Vanda Marina Pedro da Silva Pinto da Rocha	–	vanda.marina.rocha@mail.com
Vanessa de Almeida	Câmara Municipal de Almada	vadealmeida@gmail.com
Vasco José Saragoça Coelho	Câmara Municipal de Loures	vasco_coelho@cm-loures.pt
Vicência da Conceição Rita Carvalho	Escola Superior de Educação Jean Piaget	carvalhovicencia@hotmail.com
Virgínia Ajuda	CEA-MAEDs/ AMRS	-
Vítor Serrão	Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa	vit.ser@letras.ulisboa.pt